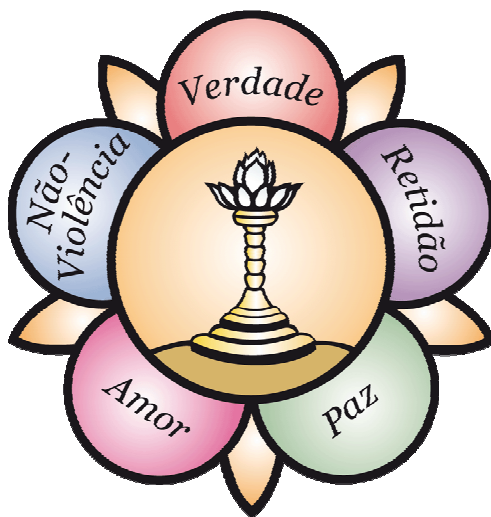


O Fluir da Virtude e da Retidão

Dharma Vahini

por

Bhagavan Sri Sathya Sai Baba



O Fluir da Virtude e da Retidão

Dharma Vahini

Copyright 2008 © by **Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil**

Todos os direitos reservados:

Os direitos autorais e de tradução em qualquer língua são de direito dos publicadores. Nenhuma parte, passagem, texto, fotografia ou trabalho de arte pode ser reproduzido, transmitido ou utilizado, seja no original ou em traduções sob qualquer forma ou por qualquer meios, eletrônicos, mecânicos, foto cópia, gravação ou por qualquer meio de armazenamento, exceto com devida permissão por escrito de Sri Sathya Sai Books & Publications Trust, Prasanthi Nilayam (Andhra Pradesh) Índia.

Publicado por:

Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil

Rua Pereira Nunes, 310 – Vila Isabel
CEP: 20511-120 – Rio de Janeiro – RJ
Teleendas: (21) 2288-9508

E-mail: fundacao@fundacaosai.org.br
Loja virtual: www.fundacaosai.org.br
Site Oficial no Brasil: www.sathyasai.org.br

Tradução:

**Coordenação de Publicação /Conselho Central
Organização Sri Sathya Sai do Brasil**

SUMÁRIO

Prefácio.....	4
Prefácio para a edição em Português	6
O que é Dharma?	7
Dharma Divino versus Dharma mundano.....	10
O erro mais comum.....	13
As naturezas masculina e feminina	16
Educação para mulheres.....	19
Pratique o Dharma!	22
Gayatri: a mãe dos Mantras.....	25
O estágio de chefe de família	28
Todos podem buscar a sabedoria espiritual	31
A casa de Deus	34
Três Eras.....	37
Templos.....	40
A pessoa dhármica	43

Prefácio

Este pequeno livro contém os artigos escritos por Bhagavan Sri Sathya Sai Baba para a série Dharma Vahini¹, da revista mensal Sanathana Sarathi, publicada em Prasanthi Nilayam. Apesar de estarem aqui traduzidos do inglês, é importante salientar que o original foi escrito em télugo, mais simples e mais doce. É difícil exprimir em inglês (NT: e, portanto, em português) as idéias fundamentais da cultura indiana, já que o idioma inglês é estranho ao tradutor e talvez a muitos leitores, uma vez que o inglês não possui vocabulário equivalente satisfatório para muitas palavras de uso corrente nas línguas indianas. Portanto, o leitor irá me perdoar pelo provável obscurecimento da clareza do texto original de Baba em télugo.

Sobre este livro, deve-se dizer que ele é a autêntica Voz do Fenômeno Divino, que corretamente estabelece hoje o comportamento e os códigos morais de milhões de homens e mulheres, merecendo conseqüentemente um estudo cuidadoso e devotado. O Senhor declarou que, quando os padrões éticos caem e o homem esquece ou ignora o seu glorioso destino, Ele pessoalmente se colocará entre os homens e guiará a humanidade ao longo do caminho reto e sagrado. O Senhor já veio; Ele guia aqueles que aceitam Sua Direção; Ele chama todos os que se extraviaram para refazerem seus passos. O Amor e a Sabedoria de Baba não conhecem limites, Sua Graça não conhece obstáculos. Ele não é um feitor rígido, Sua solicitude visa nosso bem-estar e progresso verdadeiro, e é irresistível.

Possa este livro revelar a você o amor de mãe que fez Baba escrevê-lo, a autoridade do pai que sustenta qualquer diretriz a respeito, a iluminação do professor que esclarece qualquer afirmação, e a sublime Universalidade do Senhor, que o convida a expandir a sua personalidade num grande instrumento de serviço.

N. Kasturi

Editor da Sanathana Sarathi

¹ *Vahini* significa curso d'água, ou fluxo, e constitui uma série de 16 livros, com textos escritos por Sathya Sai Baba (vários estão já disponíveis no site da Organização Sri Sathya Sai do Brasil, no endereço: <http://vahinis.sathyasai.org.br>).

Nota do Editor

A primeira edição inglesa do Dharma Vahini foi uma tradução do télugo pelo Prof. N. Kasturi. A atual tradução é uma tentativa de melhorar a edição anterior. Alguns erros gramaticais e de impressão foram corrigidos, e algumas sentenças foram modificadas para suavizar e esclarecer a apresentação - naturalmente, sem alterar o significado de original. Do mesmo modo, os parágrafos longos foram divididos em dois, onde foi possível, e a leitura tornou-se mais fácil. As palavras em sânscrito foram substituídas por seus equivalentes ingleses, para tornar o Dharma Vahini mais acessível aos leitores que desconhecem o sânscrito, com as mesmas entre parênteses, seguindo o inglês, a fim de manter a edição apurada. Algumas palavras compostas em sânscrito foram hifenizadas de modo a ajudar aqueles que querem analisar o significado das palavras individualmente. É sabido que várias palavras em sânscrito conquistaram seu espaço na língua inglesa, e podem ser encontradas na maioria dos dicionários, como por exemplo, *dharma*, guru, ioga, e *moksha*(libertação). Essas palavras são freqüentemente usadas sem tradução. Associado aos cabeçalhos dos Capítulos nas páginas de título, o Sumário oferece um breve desenvolvimento, com um índice anexado ao texto. Um formato maior é outra característica desta edição. Espera-se que a forma computadorizada, utilizando um tamanho maior e uma fonte diferente, forneça uma leitura mais confortável. Com essas mudanças, o Dharma Vahini revisado é apresentado aos leitores com a esperança de que beneficie todos os sinceros investigadores da esfera espiritual.

Organizador

Sri Sathya Sai Books and Publications Trust

Prasanthi Nilayam Pin 515134, Índia.

Prefácio para a edição em Português

É sempre motivo de contentamento trazer à luz para os leitores da língua portuguesa as palavras que vêm de Sathya Sai Baba. Estaríamos bebendo mais diretamente da fonte se lêssemos o original em télugo, pois, como nos previne N. Kasturi, o télugo é mais simples e mais doce que o inglês; e a tradução deste livro vem do inglês. Mas podemos ficar satisfeitos, pois contamos com a sensibilidade de nossos tradutores, que têm alguns importantes conhecimentos da cultura indiana para perceberem a essência do pensamento de Sai Baba.

Esta tradução para o português baseou-se numa segunda edição, com algumas adaptações, conforme nos revela o organizador da edição indiana.

Assim, querido leitor, abra seu coração e deleite-se com essa sublime leitura!

Coordenação de Publicação/Conselho Central

Organização Sri Sathya Sai do Brasil – 2008

O que é Dharma?

O homem deve se dedicar ao *dharm*² e sempre estar comprometido com o *dharm*, de modo que possa viver em paz e o mundo possa desfrutar a paz. Ele não pode adquirir paz verdadeira, nem pode conseguir a Graça do Senhor por nenhum outro modo que não seja a vida *dharmica*. O *Dharma* é a base para o bem-estar da humanidade; é a verdade eterna e imutável. Quando o *dharm* falha na mudança da vida do homem, o mundo sofre agonia e medo e se atormenta com revoluções tempestuosas. Quando o resplendor do *dharm* é incapaz de iluminar as relações humanas, a humanidade é encoberta pela escuridão da dor.

Deus é a personificação do *dharm*

Deus é a personificação do *dharm*; Sua Graça é conquistada através do *dharm*. Ele sempre está promovendo o *dharm*, Ele está sempre estabelecendo o *dharm*, Ele é o próprio *dharm*. Os Vedas, Shastras, Puranas e Itihasa³ proclamam bem alto a Glória do *dharm*. Nas escrituras das diversas religiões, o *dharm* é elaborado em linguagem familiar a seus seguidores. É dever de todo o homem em qualquer época ou lugar prestar homenagem a *Dharma Narayana*, a personificação do *dharm*. A corrente de atividade *dharmica* nunca deve secar, pois quando suas águas frescas cessam de fluir, o desastre é certo. A humanidade alcançou este estágio somente porque o *dharm*, como o rio Sarasvati, flui invisivelmente no subsolo, alimentando as raízes e enchendo os pântanos. Não somente a humanidade, mas também os pássaros e as feras devem aderir ao *dharm* para que possam estar felizes e sobreviver com conforto e alegria.

Portanto, devem-se manter as águas do *dharm* fluindo perpetuamente em sua plenitude, para que o mundo desfrute da felicidade. Atualmente, o desastre dança alucinadamente no palco do mundo porque o correto é negligenciado e existe descrédito nos princípios básicos da vida *dharmica*. Dessa forma, o homem deve entender claramente a verdadeira essência do *dharm*.

O *dharm* é incompreendido.

O que significa *dharm*? Qual é a essência do *dharm*? Pode o homem comum se conduzir para uma vida feliz e sobreviver se se mantiver fiel ao *dharm*? Essas dúvidas naturalmente confundem a mente do homem no decorrer de sua vida. É necessário e mesmo urgente resolvê-las.

Logo que a palavra *dharm* é mencionada, o homem comum a compreende como: doação de esmolas, fornecimento de comida e abrigo aos peregrinos, apego à sua habilidade ou profissão tradicional, submissão às leis, discriminação entre certo e errado, a busca de sua natureza inata ou os caprichos de sua própria mente, o deleite de seus desejos mais acalentados, e assim por diante.

Evidentemente já se passou muito tempo desde que o imaculado semblante do *dharm* turvou-se além do reconhecimento. Belos campos e bosques tornam-se selvagens com a negligência, e logo se tornaram matagais irreconhecíveis e florestas espinhosas; belas árvores são abatidas pelo homem ganancioso e a silhueta da paisagem é mudada. Com o passar do tempo, as pessoas se acostumam ao novo estado das coisas, não se apercebendo da transformação e do declínio. Isso também aconteceu com o *dharm*.

Todo homem deve se inteirar dos contornos do *dharm* expostos nos Vedas, nos Shastras e nos Puranas. Incompreendido por uma inteligência incompetente, uma emoção descontrolada e um raciocínio impuro, essas obras têm sido grosseiramente diluídas e sua glória tem sofrido deploravelmente. Do mesmo modo que as gotas de chuva que caem do claro céu azul tornam-se coloridas e se contaminam quando atingem o solo, a imaculada mensagem dos antigos sábios (*rishis*), o exemplo de seus notáveis atos, os impulsos claros e não maculados por trás de suas ações transformam-se em feias caricaturas da grandeza original devido a intérpretes e acadêmicos não refinados.

² N.T. Dharma: literalmente “aquilo que sustenta”, mantém unido e elevado; dever; obrigação; A Lei; A Lei Justa, A Lei Moral; a lei da ação, segunda a natureza essencial de cada ser; justiça; virtude; mérito; tarefa; destino; reto cumprimento; a contribuição geral e o lugar de cada um no esquema da vida, segundo seu desenvolvimento espiritual; (da raiz DHR; levar, sustentar; portar), retidão.

³ Vedas: Escrituras sagradas que contêm o conhecimento filosófico do hinduísmo, incluindo ritos, cerimônias, etc. Eles estão divididos em quatro livros que abordam diferentes aspectos da filosofia. Shastras: livros sagrados (religiosos ou filosóficos dos hindus; Puranas: conjuntos de escritos simbólicos e alegóricos narrando lendas hindus dos tempos antigos; Itihasa; histórias, lendas (tal termo aplica-se principalmente às duas grandes epopéias hindus, o Marabharata e o Ramayana).



Livros escritos para crianças contêm ilustrações para tornar o texto mais compreensível, mas elas gastam o seu tempo com as figuras e se esquecem daquilo que deveriam tornar mais claro; do mesmo modo o imprudente e o não educado entendem mal os rituais, concebidos para ilustrar as grandes verdades como profundamente reais neles mesmos, e ignoram a verdade que eles pretendem elucidar. Viajantes que se deslocam ao longo da estrada descansam por certo tempo em abrigos situados em suas margens, mas durante a sua permanência danificam, por negligência ou mau uso, a própria estrutura que os abrigou. Do mesmo modo, o insensível e o perverso alteram a própria face da moralidade Védica, enganando o mundo com a crença de que sua obra é o que os Vedas ensinam!

Quando essa deformação do *dharma* acontece, quando a face do *dharma* sofre uma desfiguração nas mãos dos inimigos de Deus, o Senhor responde ao chamado dos deuses e dos piedosos e salva o mundo da ruína através da restauração da ação-correta e da verdade no campo do *dharma* e do *karma*, isto é, tanto no Ideal quanto na prática.

Quem pode agora curar a presente cegueira? O homem deve matar a besta sêxtupla de *arishadvarga*⁴ que está levando-o ao desastre, através da atração da luxúria, ira, ganância, fraude, orgulho e ódio. Somente desse modo o *dharma* pode ser restaurado.

Buda e Sankara aderiram ao *dharma*

O Senhor foi apresentado como *dharma* pelos Vedas e como a sabedoria mais elevada (*vijñana*) por Buda. Naqueles dias, como na época do *asura* (demônio) chamado Somaka, ninguém gostava da palavra “Veda”, e mesmo aqueles que seguiam os Vedas desistiram de chamá-los de “Veda”. Esse comportamento é admissível quando movido pelo medo extremado. Buda tinha toda a reverência pelos Vedas e sempre foi inspirado por Deus. Buda é freqüentemente considerado um ateísta (*nasthika*)⁵! No entanto, se ele é um ateu, quem então será um teísta? A vida inteira de Buda é a saga do *dharma*. Shankara é criticado por algumas pessoas como oposto ao caminho do *dharma* e do *karma* (ação). No entanto, Shankara opôs-se somente ao *dharma* e ao *karma* quando eles visavam à satisfação dos desejos. Ele foi, de fato, o grande professor que ensinou o caminho do *dharma* e do *karma*, e mostrou o empenho que é impulsionado pelo entendimento da Verdade fundamental.

A adesão de Shankara ao *dharma* e ao *karma* baseados na Verdade e a fé de Buda na essência dos Vedas só podem ser apreciadas por aqueles que têm a visão mais elevada. Sem esta, podemos ser induzidos ao erro em sua interpretação. Para se elevar a uma determinada altura, não precisamos de uma escada que a alcance?

Sobre o caminho do *dharma*

Quem subjuga seu egoísmo, conquista seus desejos individualistas, destrói seus impulsos e sentimentos inferiores e desiste da tendência natural de considerar o corpo como o seu verdadeiro ser, certamente está no caminho do *dharma*, pois reconhece que o objetivo do *dharma* é a fusão da onda com o mar, a fusão do ser individual com o Eu Superior. Em todas as atividades mundanas, você deveria tomar cuidado para não ofender as convenções sociais ou as leis de boa conduta, não enganar as inspirações de sua Voz Interior e estar sempre preparado para respeitar as ordens adequadas da consciência; você deveria observar os seus passos para ver se não está no caminho de outra pessoa, bem como estar sempre vigilante para descobrir a Verdade que está por trás de todas essas variedades cintilantes. Esse é o seu dever total, o seu *dharma*. O fogo resplandecente de conhecimento divino (*jñana*), que o convence de que tudo isso é Brahman (*Sarvam Khalvidam Brahman*), o consumirá transformando em cinzas todos os traços de seu egoísmo e de qualquer conexão mundana. Você deve se inebriar com o néctar da União com Brahman; esse é o objetivo final do *dharma* e da ação (*karma*) inspirada pelo *dharma*.

“Sacrifique *ajñana* (ignorância) e *ahamkara* (ego) no altar de *jñana* e instale o *dharma* em seus lugares”; esta é a mensagem dos Vedas. Qualquer ação não egoísta que prepare o terreno para a fusão da Alma com o Eu Superior, que amplie a visão na direção de Brahman (o Absoluto) fundamental e onipresente, é uma ação *dharmica*. Cada ato como esse é um pequeno córrego que aumenta o rio da santidade que corre em direção ao mar da sabedoria divina (*brahmajñana*). Suas ações e atividades são todas rituais de adoração da Alma Suprema (*Paramatma*) que preenche todo o universo. O que for feito com uma atitude de dedicação e total entrega é um componente do *dharma* que leva à Realização. A

⁴ Besta de seis envoltórios: os 6 inimigos do homem: luxúria, raiva, ganância, ilusão, orgulho e ódio,

⁵ Os termos *astika*, que significa “aquele que reconhece” e *nastika*, seu antônimo: “aquele que não vê”. Ao primeiro grupo, pertencem todos os seguidores de doutrinas que reconhecem a autoridade dos Vedas, como os Shivaitas, os Vaishnavas, as diversas escolas de Vedanta, entre outros, enquanto que o segundo engloba os que seguem filosofias que negam os Vedas: budistas, sikhs e jainistas, por exemplo.



estratégia do modo indiano de viver é destinada à santificação de todo momento e de toda palavra, pensamento ou ação, como um passo em direção à auto-realização.

Significados simbólicos de termos e atos espirituais

Você deve entender as antigas ações virtuosas (*Dharmakarma*⁶) através da compreensão do seu significado simbólico. O campo espiritual tem muitos termos técnicos, com suas próprias conotações específicas. Estes devem ser claramente entendidos a fim de que você domine corretamente o ensinamento dos Shastras (uma categoria de escrituras indianas). Tomemos um exemplo: as pessoas antigamente costumavam celebrar rituais sagrados -*Yajnas*) nos quais animais, incluindo os domésticos, eram sacrificados. No entanto, o animal é somente um símbolo. Não era a criatura silenciosa que deveria ser esquartejada. O animal leva uma vida de sacrifício, independentemente de completar a sua jornada no mastro sacrificial. O animal que deve ser estripado e oferecido é outro; no vocabulário espiritual, o animal que deve ser abatido é “a consciência do corpo” ou a “consciência do ego”. O Senhor é conhecido como *Pasupathi* ou *Govinda*. *Pasupathi* é o Senhor de todos as almas individuais (*Jivas*), sendo *pasu* equivalente a individual, e *Govinda* significa o Guardião das Vacas ou *Jivas*, sendo que “*go*” equivale ao *Jiva*. O pastoreio de vacas é uma brincadeira divina simbólica de Krishna para indicar Sua Missão de pastor das almas individuais (*Jivas*).

As escrituras (sastras) apresentam um profundo significado interior. O objetivo do *dharma* é fazer a alma individual (*Jiva*) abdicar de sua vinculação com a natureza externa e a ilusão que esta causa, e fazê-la perceber a sua Realidade, ou seja, dissipar o que atualmente ela acredita ser real, de modo que possa manter-se desperta para sua verdadeira identidade.

Esses significados devem ser aprendidos pelo jovem e pelo velho. Tomemos como exemplo o Templo de Shiva. Bem na frente da estátua de Shiva temos a imagem de Nandi, o Touro. É dito que o Touro Sagrado é o veículo ou *Vaharia* de Shiva, sendo esta a razão para estar lá. No entanto, o Touro ou o *Pasu* representa, na realidade, *Jiva*, enquanto que o *lingam*⁷ (símbolo da potencialidade criadora) é o símbolo de Shiva. Diz-se que: “Ninguém deveria passar entre o Touro e o *lingam*, entre *Jiva* e Shiva”, já que eles irão se fundir em um só. Também é dito que Shiva deve ser visto através dos dois chifres de Nandi. Quando questionadas a respeito desses procedimentos, as pessoas respondem: “Ora, este é mais sagrado que os outros métodos para visualizar o *lingam*”. No entanto, o seu significado interior é que “você deve ver Shiva no *Jiva*” – o touro *Pasu* e *Pasupathi* (Shiva) são um. Nandi e Ishvara (Deus manifesto) se transformam em *Nandisvara* (Senhor de Nandi). Ambos são apenas duas maneiras de se referir à mesma entidade. Quando escravizado, ela é Nandi, e quando é libertada de seus grilhões e a união com Deus é alcançada, ela é Deus, sendo adorada e digna de ser honrada. O verdadeiro sacrifício (*yajna*) ocorrer quando touro (*pasu*) é ao Senhor dos animais (*Pasupathi*) e suas identidades separadas são descartadas. Tal significado tem sido esquecido atualmente.

Atualmente, esses atos simbólicos tornaram-se irreconhecíveis com as mudanças sofridas. As práticas de hoje em dia estão muito distantes dos princípios de antigamente. Até os pequenos detalhes da vida comum devem ser inspirados pelos mais elevados ideais da satisfação espiritual. Desse modo, qualquer pessoa pode ser levada, passo a passo, em direção à meta. Quando você não discrimina o processo e o objetivo de qualquer ação, embora continue a praticá-la, esta se torna uma cômica versão fossilizada. Certa vez, mesmo Prahlada, um grande devoto de Krishna, disse: “Tendo em vista a dificuldade em destruir o egoísmo, o homem acha mais fácil destruir um animal mudo em seu lugar. O sacrifício animal é a manifestação do atributo de ignorância, inércia ou inatividade (*tamoguna*⁸) e o caminho da servidão. O sacrifício do animal do egoísmo é o sacrifício (*Yajna*) *sátvico* no caminho da liberação em direção a Deus”.

Desse modo, o ideal mais elevado (*paramartha*) dos tempos antigos transforma-se em um ideal tolo (*Paaramartha*) em nossos dias! Assim, qualquer uma das antigas práticas, outrora cheias de significados, descaracterizou-se além do reconhecimento, com ramificações nas mais variadas direções. Agora, é impossível arrancar a árvore pelas raízes e plantar uma nova e, em razão disso, a árvore existente deve ser ajustada, podada e direcionada a crescer reta. O objetivo mais elevado deve ser constantemente lembrado ao invés de ser enfraquecido ao mais baixo.

⁶ Atividades que sublimam os instintos e impulsos inferiores e transformam cada ação em um ato de consagração.

⁷ N.T. ele tem a forma ovóide ou elipsoidal que representa o estágio mais simples e primitivo da criação. É o símbolo da dualidade ou da bipolaridade do Universo Criado. O elipsóide é um sólido que possui dois focos, diferentemente da esfera, que possui apenas um centro. Esses dois focos representam a dualidade citada. O *lingam* é sagrado para os adoradores de Shiva, o aspecto transformador de Deus, e é considerado como uma das manifestações do próprio Shiva.

⁸ *Gunas*: as três qualidades básicas inerentes à toda a criação – *tamas* (inércia), *rajas* (agitação) e *satva* (pureza)



Capítulo 02

Dharma Divino versus Dharma mundano

O *Dharma* não pode se restringir a uma determinada sociedade ou nação, uma vez que está intimamente ligado à riqueza de todo o mundo vivo. É uma chama que jamais poderá ser extinta, não existindo obstáculos à sua ação beneficente. Krishna ensinou a Gita⁹ a Arjuna. Este, no entanto, era somente um pretexto, já que Krishna visava toda a humanidade. Essa mesma Gita está hoje corrigindo toda a humanidade, já que não se destina a uma particular classe social, religião ou nação. É em qualquer lugar a própria respiração de todo ser humano.

O *Dharma* se expressa de diversos modos, conhecidos algumas vezes através das pessoas que o codificaram como *Manu dharma* (código de conduta virtuosa contido nos *Dharma Shastras*), ou através de grupos que o seguiram como o *dharma* das castas, ou através do estágio de vida no qual é aplicado como a segunda das quatro etapas da vida de um hindu, que corresponde ao chefe de família, etc. Esses são, no entanto, detalhes práticos secundários e não o Princípio Fundamental – o *Atma dharma* ou *dharma* divino, sobre o qual estou me referindo. O *dharma* Prático (*Acharya dharma*) relaciona-se com as necessidades físicas, assuntos e problemas temporários, ou seja, com o relacionamento transitório do homem com o mundo objetivo. Como esses *dharma*s podem ser eternos, se o próprio instrumento dessas regras, o corpo humano, é por si mesmo transitório? Como pode a sua natureza ser descrita como verdadeira? O Eterno não pode ser expresso pelo passageiro; a Verdade não pode se revelar na mentira; a Luz não pode ser obtida na escuridão. Somente o Eterno pode emergir do Eterno; a Verdade só pode emanar da Verdade. Por conseguinte, os códigos objetivos do *dharma* relacionados a atividades mundanas e a vida diária, ainda que importantes em seus âmbitos, devem ser seguidos com a plena consciência e conhecimento do *Atma dharma* Interior Fundamental. Somente assim poderá haver cooperação entre os impulsos internos e externos, de modo a produzir a bem-aventurança do progresso harmonioso.

Caso você, em suas ocupações diárias, traduza os Valores Reais do Eterno *dharma* em ações plenas de amor, você estará também cumprindo a sua obrigação com relação à Realidade Interior, o *Atma dharma*. Construa sempre o seu viver sobre o Alicerce *Átmico*, assegurando dessa forma o seu progresso.

Veja a pedra como Deus

O esforço que se faz hoje em dia é para transformar Deus em pedra! Como pode tal empenho levar à Verdade quando a tarefa real é ver a pedra como Deus? Inicialmente, deve-se meditar na Forma da Divindade e imprimi-la em nossa consciência. Em seguida, a Forma deverá ser concebida dentro da pedra e esta esquecida no processo até que seja transformada em Deus. Do mesmo modo, você deve imprimir em sua consciência o *dharma* básico, a Realidade Fundamental do *Atma* como a única Entidade, e então, preenchido com esta Fé e Visão, você deve lidar com o complexo mundo dos objetos, com suas atrações e armadilhas. Somente dessa forma o Ideal será percebido. Fazendo isso, não haverá perigo de diluir-se o Significado Autêntico ou de que o *Atma dharma* perca o seu brilho.

O que acontece quando uma pedra é adorada como Deus? O Ilimitado, o Sempre-presente, a Entidade que a tudo permeia, o Absoluto, é visualizado no Particular, no Concreto. De modo similar, o *dharma*, que é Universal, Uniforme e Ilimitado, pode ser reconhecido e testado numa simples ação concreta. Não se engane com a idéia de que isso não é possível. Quantas coisas difíceis são realizadas por você, coisas que só aumentam sua ansiedade e medo? Sendo o homem sábio, não deveria realizar, ao invés, coisas que valessem mais a pena e que proporcionassem paz em sua mente?

Siga o *dharma* divino e se liberte

Ser livre é o seu direito hereditário, e não ficar preso. Você só será realmente livre quando dirigir os seus passos através do Caminho iluminado pelo *dharma* Universal Ilimitado. Se você afastar-se da luz, você se limitará e será aprisionado. Alguns poderão levantar aqui a seguinte dúvida – como pode o *dharma*, que põe limites aos pensamentos e palavras, que regula e controla, libertar alguém? “Liberdade” é o nome que você dá a um determinado tipo de servidão; a genuína liberdade é obtida quando a ilusão está ausente, quando não existe identificação com o corpo e com os sentidos, quando não se é escravo do mundo objetivo. Numericamente, são muito poucos que escaparam dessa servidão

⁹ Grande poema épico, Bhagavad Gita, da Índia que é narrada a batalha de Kurukshetra, durante a qual o Senhor Krishna transmite os ensinamentos a Arjuna, sobre o *dharma*.



e obtiveram a liberdade, no seu verdadeiro sentido. A servidão está em todo ato realizado com a consciência de que o corpo é o nosso próprio Ser, quando então o homem é um brinquedo dos sentidos. Só os que escaparam dessa sina é que estão livres. Tal “liberdade” é o cenário ideal ao qual o *dharma* nos conduz. Com isso sempre em mente, aquele que se engaja na atividade de viver pode se tornar um indivíduo que alcançou a libertação (*Mukta Purusha*).

Você se torna limitado e se afasta do caminho *dhármico* somente por se restringir ao seu próprio eu. É sempre assim, você limita a si próprio já que nenhuma outra pessoa poderá lhe limitar. Caso a fé na Onipresença de Deus seja profunda, você estará consciente de que Ele é o seu próprio Eu e que você jamais será limitado! Para que essa fé cresça, você deverá compreender firmemente o *Atmananda* – a bem-aventurança da auto-realização. A sua base reside na realidade do *Atma*, o supremo e incontestável conhecimento (*Nishchitajñana*). Desprovido desse alicerce, tornamo-nos alvos da dúvida, do desespero e do delírio. Dessa maneira, a donzela do *dharma* jamais se casará.

Portanto, empenhe-se primeiro em se tornar livre. Ou seja, tal como início de uma vida bem sucedida, cultive a Fé no *Atma*, como o âmago de sua personalidade, e então aprenda e pratique a disciplina necessária para alcançá-lo interiormente. Com a qualificação adquirida, você poderá engajar-se totalmente em atividades mundanas, seguindo o *dharma* prescrito para a regulação das atividades mundanas, tornando-se então um indivíduo com moralidade, um *Dharma Purusha*. Aqueles que acham ser o mundo objetivo o domínio da vida e o corpo como o seu Eu, são levados a vidas perdidas, tão sem significado quanto esculpir Deus em uma pedra. Transformar uma pedra em Deus é uma tarefa mais sagrada e recompensadora. Desse modo, ver o *Atma dharma* em qualquer ação simples a transforma em um ato de adoração, elevando-a e removendo suas características limitadoras. Se as obrigações da vida mundana forem feitas sem se atentar para o genuíno *Sathya dharma*, ou seja, para a prática da virtude, estas serão tão profanas quanto tratar Deus como pedra. O *Acharya dharma*¹⁰ (*dharma* prático) objetivado separadamente do *Sathya dharma* e o *Sathya dharma* divorciado do *Acharya dharma*, são ambos desprovidos de resultados. Eles são completamente interligados, e assim devem ser tratados. O profissional experiente precisa do trabalho do novato tanto quanto este precisa do auxílio daquele. Quem será, portanto o limitado e quem será o liberto? Ambos são limitados pelo desejo de serem felizes e terem conforto. O estado externo de servidão persistirá até que o segredo fundamental do *Atma* seja reconhecido. Quando isso acontecer, o peso da escravidão para com os sentidos e com o mundo objetivo diminuirá. Então, o código de comportamento voltado para o mundo objetivo se fundirá com o código voltado para a Divindade interior, de tal forma que todos os impulsos cooperarão harmoniosamente entre si.

O Vedanta, as escrituras relacionadas ao Espírito Supremo (Shastras Adhyatmicos), e o *dharma* – todos convidam o homem a viver e agir como Deus (Bhagavan) e não como um prisioneiro. Dessa forma, todas as ações se tornam atos virtuosos (*Dharma karma*) ao invés de *kamyakarma* ou ações realizadas com impulsos de desejos. Os grilhões da servidão não podem ser evitados com uma simples mudança no tipo de atividade. Só poderemos nos desvencilhar deles mudando nosso ponto de vista, da criatura para o Criador (de *deha* para *Deva*). Por meio disso, as qualidades morais se fortalecerão.

Egoísmo baseado no corpo é inferno

Algumas pessoas acham que o fato de terem um emprego representa a servidão e que a liberdade é estarem sentadas em casa, sem algo específico a fazer! Esse é um sinal de falta de inteligência. Quando estamos em um emprego, devemos obedecer o nosso chefe imediato, mas será que poderemos escapar das exigências e pressões, mesmo em nossas casas? Mesmo estando somente entre amigos, poderemos evitar a necessidade de agir de acordo com os seus caprichos? Pode alguém ser livre ao menos da necessidade de cuidar de seu próprio corpo e de servir de instrumento ao seu conforto pessoal? Como pode então o homem sentir-se livre permanecendo na gaiola da servidão? Toda vida é uma prisão, qualquer que seja a diferença entre um ou outro tipo de sentença, sendo que isso permanece assim enquanto prevalecer a atitude de se identificar o Eu com o corpo.

Essa é a razão de Shankara ter dito certa vez que “o egoísmo baseado no corpo é o que entendemos como *Naraka* ou Inferno”. Egoísmo dessa natureza não passa de uma forma de atitude contra o Divino. Quem pode remover todos os espinhos e pedregulhos da face da Terra? A única maneira de evitá-los consiste em andar devidamente calçado. Assim também com a Filosofia do Vedanta (Vedanta darsana), com a visão fixa na Realidade (*sathya*), com fé total em Brahman, que é a sua própria natureza essencial, você pode contornar a necessidade de transformar o mundo externo para atender ao seu ideal de felicidade, e alcançará a prática da verdade (*Sathya dharma*). Quem já se libertou do egoísmo e declara com convicção – “Eu não sou o servo deste corpo, que é o repositório de

¹⁰ Aquilo que se relaciona com assuntos e problemas temporais e as necessidades físicas das relações passageiras do homem com o mundo objetivo.



todos os tipos de servidão. Este corpo é o meu servo; eu sou o mestre e o manipulador de todas as coisas, eu sou a personificação da liberdade”—, já está liberto. Todas as normas que definem as nossas obrigações devem ajudar no processo de eliminação do ego. Não devemos criá-las e deixá-las crescer sem controle. Essa é a estrada para a liberdade. Se uma pessoa acha miserável viver com seu filho e decida ir morar com a sua filha, ele não está conquistando a liberdade! Essa é apenas uma maneira de alimentar o ego. A procura da satisfação sensual não pode ser elevada ao *dharma*.

O verdadeiro *dharma* é a base fundamental

Afinal, para que serve um lar? Para se desfrutar a bem-aventurança derivada da contemplação do Senhor, para ter-se a oportunidade de meditar sem interferências no Senhor. Todo o resto pode ser ignorado, mas não esses. O verdadeiro *dharma* de um indivíduo é saborear a bem-aventurança da fusão com o Absoluto e obter a verdadeira Libertação. Uma pessoa que alcançou esse estágio jamais poderá ser limitada, mesmo se for colocada na mais cruel das prisões. Por outro lado, para uma pessoa que é escrava do corpo, mesmo a parte cortante de uma folha de grama pode vir a ser um instrumento da morte. O verdadeiro *dharma* deve ser imerso na Bem-aventurança *Átmica*, na Visão Interior, na inabalável fé na identidade de nossa verdadeira natureza com o Absoluto, e na percepção de que tudo é Brahman; esses quatro são o autêntico *dharma*. Nessa existência física como indivíduos isolados, esses quatro são denominados, pela conveniência da prática (embora ainda saturados com o *dharma* Interno da Realidade *Átmica*), de Verdade (*sathya*), Paz (*shanti*), Não-violência (*ahimsa*) e Amor (*prema*), de modo que os indivíduos, que são apenas a personificação desse Absoluto, possam segui-las na vida diária. O método da busca do *dharma*, tanto hoje como no passado, consiste na adesão em todas as ações e pensamentos a esses princípios elevados. A *sathya*, *shanti*, *prema* e *ahimsa* de hoje são apenas a imersão ininterrupta no *Atma*, a Visão fixa na Verdade Interior, a Contemplação da Própria Natureza Verdadeira e o Conhecimento de que tudo é Brahman, o Primeiro e o Único. O Fundamental e o Derivado devem ser coordenados e harmonizados; só então podem ser denominados de *Atma-dharma*.

Não importa qual é a sua atividade, ou que nome e forma você escolheu. Uma corrente é uma corrente, independentemente do material que a envolva, seja ele ferro ou ouro, ela o prende não é verdade? Assim também, se o trabalho é desse tipo ou daquele, contanto que a base seja o *Atma dharma* e a raiz seja a verdadeira natureza do *Atma* (*Atmatatva*), é sem dúvida nenhuma o *dharma*. Esse trabalho irá abençoar a pessoa com o fruto da paz (*shanti*).

Quando alguém se deixa conduzir pelas ondas do medo egoísta ou da cobiça, seja na privacidade do lar, na solidão da floresta ou em qualquer outro refúgio, é impossível escapar do sofrimento. Uma cobra não deixa de ser uma cobra, mesmo quando está enrolada. Na prática diária, quando as ações são motivadas pelo Princípio Fundamental da realidade do *Atma*, toda ação se torna lacrada pelo selo do *dharma*. No entanto, quando as ações são motivadas pela conveniência e interesse egoísta, o *dharma* se torna um pseudo-*dharma*. É um tipo de servidão, ainda que possa parecer atraente. Assim como os prisioneiros num cárcere são empurrados pelos carcereiros numa fila única, seja no tribunal para julgamento ou na cantina para alimentação, a incitação dos sentidos empurra o escravo para um local de lamentações ou para um local de consolação.

Mesmo um sentimento como “aquele é um amigo” ou “aquele é um inimigo” é um erro. Essa ilusão deve ser abandonada. O Senhor, a encarnação do amor (*prema*), é o Único e Constante Amigo, Parente, Companheiro, Guia e Protetor. Saiba disso e viva nesse conhecimento. Isso é o *dharma* construído sobre os alicerces da Compreensão. A ignorância dessa base fundamental, com a concentração da nossa atenção no brilho externo, faz com que o objetivo se desloque para além de nosso alcance. A fixação no mundo só pode ser destruída pela fixação no Senhor. Porque se queixar de que o solo não pode ser visto, quando durante todo o tempo você fixou o seu olhar no céu? Olhe para o solo e veja a superfície da água que reflete o céu – você então poderá ver, ao mesmo tempo, tanto o céu em cima quanto a terra em baixo. Dessa forma, você deve aderir à Lei da Verdade (*Sathya dharma*), que, afinal de contas, é a prática do Princípio *Átmico* Imanente. Você deve ver em qualquer ação o reflexo da Glória do *Atma* e, em decorrência, o apego ao Senhor transformará o apego ao mundo em uma oferta pura. O objetivo não deve ser alterado ou rebaixado, isto é, a essência tem de ser mantida intacta. O *Dharma* não depende dos diversos nomes e formas que suas aplicações vinculam - eles não são tão fundamentais. O *dharma* depende, no entanto, mais dos motivos e sentimentos que o dirigem ou o canalizam.



O erro mais comum

Não se pode escapar da inquietação enquanto a ignorância fundamental persistir. Uma mera mudança de ocupação, inspirada pelo desejo de um maior conforto ou pela necessidade de satisfazer algumas aspirações passageiras, não trará satisfação duradoura. É como querer melhorar o material existente em um cômodo escuro com uma simples reorganização de seu mobiliário. No entanto, se uma lâmpada for acesa, mesmo sem aquela reorganização, a passagem através do cômodo se torna mais fácil. Não há nenhuma necessidade de mexer a mobília. Desse modo também, neste mundo tomado pela escuridão, é difícil mover-se de um lado para o outro verdadeiramente, corretamente e pacificamente sem chocar-se com um ou outro obstáculo. Como então você poderá ser bem sucedido? Acenda a lâmpada! Deixe-a revelar a realidade; ilumine-se com a Suprema Sabedoria (*jñana*). Isso resolverá todas as dificuldades. Você poderá alegar que vive de acordo com o *dharma*. No entanto, seu erro fundamental está no fato de que suas ações não são feitas com espírito de dedicação. Caso sejam realizadas dentro daquele espírito, tais ações levarão o selo com a autêntica marca do *dharma*. Algumas pessoas sagazes poderão levantar uma dúvida e questionar – “Poderemos ferir ou matar em nome do senhor, dedicando a Ele esse ato?” Ora, como uma pessoa pode ter a atitude de dedicar todas as suas atividades ao Senhor sem, ao mesmo tempo, ser puro em pensamento, palavra e ação? Amor, Equanimidade (mente imperturbável), Retidão, Não-violência – essas são as virtudes que acompanham o servo do Senhor. Como podem a crueldade e a insensibilidade coexistir com tais virtudes? Para se ter generosidade, o espírito de auto-sacrifício e a eminência espiritual necessários para uma perspectiva de dedicação, deve-se primeiramente obter as quatro características: verdade, paz, amor e não-violência (*sathya, shanti, prema e ahimsa*). Sem elas, um nome apenas não transformará qualquer ação em uma oferta votiva.

As ações que são expressões do *dharma* são imortais, e somente aqueles que sabem disso podem realizá-las. Este é o destino mais elevado do homem, que ao invés de alcançá-lo, continua em seu propósito de realizar ações contra o *dharma*. O homem está em toda parte se degradando, de sua condição de filho da Eternidade (*Amritaputra*) para o de filho da Futilidade (*Anritaputra*)! Mesmo tendo o néctar a seu alcance, ele bebe o veneno do prazer sensual. Negligenciando a alegria da contemplação da realidade *Átmica* fundamental do Universo, ele se embaraça nas armadilhas externas deste mundo objetivo de aparências. Apenas podemos lamentar por tal fatalidade ter dominado a humanidade!

O Dharma e a Gita

Na Gita também está expresso: “Eu sou a bem-aventurança de Brahman, da Imortalidade Positiva, do *dharma* atemporal, e da Eterna Bem-Aventurança”. O verso (*sloka*) está no capítulo 14:

*Brahmano hi prathishtha aham amrithasya avyayasya cha
Sasvathasya cha dharmasya sukhasya aikanthikasya cha*

Esse é o *Amrita dharma* (*dharma* imortal) descrito nas Upanishads¹¹ e, sendo a Gita o cerne das Upanishads, ele é enfatizado também para a Gita. O modo de vida *dhármico* é como a própria respiração - é o caminho para a auto-realização. Aqueles que por ele caminham são queridos pelo Senhor; Ele mora com todos os que estão plenos da Verdade, cujos atos saltam do *dharma*. Esse é o motivo por que a Gita ensina Arjuna a desenvolver determinadas qualidades que auxiliam a prática do *Dharma Átmico*. Isso está delineado nos versos 13 a 19 do capítulo 12. Aqueles que beberam plenamente na fonte da Gita se lembrarão disso. O mais importante verso nesse contexto é – “Aquele que segue este caminho imperecível do serviço devocional e que se ocupa completamente com fé, fazendo de Mim a meta suprema, é muito, muito querido por Mim”, ou no original:

Ye thu dharmyamritham idham yathoktham paryupasathe. Sraddhabhana math parama bhakthasthe Atheva math priyah

Que grande idéia esse verso (*sloka*) nos transmite! Esse é o verso conclusivo de uma série que mostra as qualidades que devemos desenvolver. Ele chama todo o grupo de o caminho *dhármico* para a imortalidade (*dharmyamrita*)¹²! O Senhor declarou a esse respeito que aqueles que têm tais qualidades, aqueles que confiam n’Ele como a única meta final, aqueles com suas mentes totalmente ligadas a Ele são para Ele os mais queridos e os mais próximos.

¹¹ Textos que tratam da interpretação e dos ensinamentos dos Vedas, tendo como resultado a Liberação, através do Conhecimento da Verdade Suprema.

¹² O sagrado néctar da imortalidade; o néctar da Lei; a doutrina da imortalidade.



Observe a expressão e o caminho *dhármico* para a imortalidade (*dharmyamrita*). Pense nela e dela retire inspiração! Somente aqueles que aderem ao *dharma* do Senhor merecem o Néctar da Sua Graça. O homem comum acredita ter devoção e amor (*bhakti*) ao Senhor, mas não pára um pouco para indagar se o Senhor tem amor por ele! São muito raras as pessoas que lutam para descobrir isso. Essa é, de fato, a verdadeira medida do sucesso espiritual. A mesma pessoa é rei para seus súditos, filho para seus pais, inimigo para seus inimigos, marido para a sua mulher e pai para o seu filho; ele desempenha diversos papéis. Contudo, se você o indagar quem ele é, ele estaria errado se apresentasse quaisquer dessas relações como suas características distintivas, já que elas são relações ou atividades físicas, caracterizando todas elas uma afinidade física ou relacionamento profissional, ligadas a uma condição temporária. Ele não poderá responder que é a cabeça, os pés, as mãos, etc., já que esses são somente os membros de uma forma física. Ele é mais real que todos os membros, além de nomes e formas representando falsidades que escondem o Brahman fundamental. Ele é conhecido como “Eu Superior”. Reflita muito sobre essa entidade e descubra o que de fato este “Eu Superior” é.

O Atma não tem forma

Considerando a dificuldade em analisar e entender a sua entidade, como você pode fazer um julgamento definitivo sobre as outras entidades? O que você se refere como “eu” ou “você” diz respeito ao corpo e à aparência; eles não são a Existência absoluta (*Sat*). O *Atma* é Uno e Indivisível; o *dharma* baseado n’Ele é o genuíno *dharma*.

Alguém pode indagar: “Você continua a dizer ‘*Atma*’, ‘*Atma*’; ora, qual é a forma desse *Atma*?” Porém, de onde o *Atma* obtém a forma? Ele é eterno, imutável e imortal; é bondade, retidão e caridade. Ele é imutável e imaculado; não pode ser limitado por qualquer nome particular ou forma. Ele pode ser entendido como a Suprema Sabedoria (*jñana*) que se mostra no e através do corpo adquirido como resultado da ação (*karmadeha*). Somente o corpo tem nome e forma, e dessa forma, você deveria manifestar o *Atma dharma* - o *dharma* baseado na consciência do *Atma*, em todas as atividades desse corpo.

Diz-se que – “O *Atma* não é macho nem fêmea; nem gado, ovelha, cavalo, elefante, pássaro ou árvore; está além dessas categorizações”. Essas distinções e diferenças surgem nos fundamentos da ação; o *Atma* é imutável; só podemos fazer uma afirmação a seu respeito – Ele é. A soma e a substância de tudo isso é o *Atma*, o Absoluto, o *Paramartha*. O resto é tudo aquilo que é particular, insignificante, falso, irreal, caracterizável e identificável.

Tomemos um banco. Antes de ser transformado, ele era uma árvore que foi transformada em caibros e tábuas, e finalmente em um banco. A cada mudança na forma, muda também o nome. Ao sentar num banco, ninguém afirmaria estar sobre um caibro ou uma árvore. Objetos passam por mudanças; eles não são eternos. Eles não são *Sat*, reais.

Objetos podem ser distinguidos somente por meio do nome e da forma; podem ser descritos apenas por meio de suas características. São, portanto artificiais e temporários.

O que é exatamente uma cadeira? Não é uma modificação especial da madeira? Removendo a madeira, a cadeira também desaparece. Pense na madeira, que é a substância e a “aparência” da cadeira, que irá desaparecer. Assim também acontece com o *dharma*! *Varna dharma* (*dharma* das castas, classes sociais), *Grihastha dharma* (*dharma* do chefe de família), *Vanaprastha dharma* (*dharma* dos que se afastam do mundo material), *Sanyasa dharma* (*dharma* da renúncia), *Brahmacharya dharma* (*dharma* do celibato), este ou aquele *dharma* são todas modificações do *dharma* Fundamental, como a cadeira e o banco exemplificados. As variedades separadas desaparecem tão logo você mergulhe em sua natureza, desaparecendo o *dharma* corpóreo e permanecendo somente o *Atma dharma*. O mobiliário desaparece, ficando somente a madeira. Do mesmo modo, o *dharma* objetivo desaparece e o *Atma dharma* sozinho brilha em sua glória única.

Evidentemente, os *dharma* corporais são importantes para uma carreira mundana. Eu não negaria isso. Assim como a madeira vira mobília e dessa forma é usada, *Atma dharma* ou *Santha Dharma* ou *Sathya dharma* devem ser moldadas em *Grihastha dharma*, *Vanaprastha dharma*, *Varna dharma*, *Stri dharma* (*dharma* das mulheres), *Purusha dharma* (*dharma* humano), etc. A essência é a mesma em todos; a substância é idêntica em cada forma separada. Como pode a substância ser consumida? Ela pode ser somente transmutada ou transformada e as diversas modificações diferentemente denominadas quando usadas para objetivos diferentes. O *Atma dharma* pode ser visto em partes e compartimentado para objetivos diferentes, assim como a madeira pode ser talhada, serrada, unida e reprocessada, mas será sempre *Atma dharma*. Não haverá nenhum prejuízo desde que os diferentes sistemas de *dharma* sejam derivados dessa “madeira”. Entretanto devemos lembrar que a mobília jamais poderá ser reagrupada para formar a árvore original! Aplique o *Atma dharma* nos campos da atividade mundana, mas jamais chame os *dharma* mundanos de *Atma dharma*! Isso seria enganar o Ideal, o Absoluto.



O Dharma é...

Dharma é a senda da moralidade; a senda da moralidade é a Luz; a Luz é a bem-aventurança (*ananda*). *Dharma* é caracterizado pela santidade, paz, verdade e firmeza moral. *Dharma* é *yoga*, União, Fusão; é a Verdade (*Sathya*). Seus atributos são justiça, controle dos sentidos, senso de honra, amor, dignidade, bondade, meditação, simpatia e não-violência; este é o *dharma* que persiste através dos tempos. Ele nos conduz ao Amor Universal e à Unidade, sendo a mais elevada e proveitosa Disciplina. Toda essa “revelação” começou com *dharma*; tudo isso é equilibrado por *sathya*, que é inseparável do *dharma*. *Sathya* é a lei do Universo, que faz o Sol e a Lua girar em suas órbitas. *Dharma* são os Vedas e os *mantras*, a Suprema Sabedoria (*jñana*) que eles nos transmitem. *Dharma* é o rumo, o caminho, a lei. Onde houver aderência à moralidade, pode-se ver a lei da verdade (*Sathya dharma*) em ação. Também no Bhagavata é dito – “onde houver *dharma*, haverá Krishna; onde houver *dharma* e Krishna juntos, haverá Vitória”. *Dharma* é a própria encarnação do Senhor; sendo o mundo, o próprio corpo do Senhor; o mundo é apenas outro nome para a Ordem Moral, o que ninguém poderá negar hoje ou em qualquer época.



Capítulo 04

As naturezas masculina e feminina

As pessoas referem-se a diversos deveres, direitos e obrigações, que não são a verdade básica fundamental (*Sathya dharma*), mas apenas formas e métodos para regularem as complexidades do viver, não sendo dessa forma fundamentais. Todos esses códigos morais e comportamentos aprovados são inspirados pela necessidade de servir de instrumento a dois tipos de criaturas e dois tipos de naturezas – a masculina e a feminina.

Eles significam criação (*Prakriti*) e Deus (*Paramatma*¹³), grosseiro e sutil, inerte e consciente, a dualidade que a tudo permeia. Toda essa criação não mudou pelo inter-relacionamento entre o Inerte e o Consciente? Assim também todos os variados subprodutos surgiram devido a essa bifurcação. Toda essa ramificação e elaboração do *dharma* é devido a dualidade: o Masculino e o Feminino.

As principais orientações para se viver

Dessa forma, o principal *dharma* para o progresso prático do mundo é o comportamento e a conduta moral daqueles dois (o Masculino e o Feminino); tudo o que qualquer grande professor possa ensinar não poderá ir além daquelas duas naturezas distintas.

O *Purusha dharma* para os homens e o *Stri dharma* para as mulheres são importantes aplicações do *Sathya dharma* anteriormente mencionado. Os outros códigos e disciplinas são apenas acessórios, tributários como os afluentes que se encontram com o rio principal ao longo de seu curso, sendo relacionados com diversas circunstâncias, situações e condições que são temporárias. Você deve prestar atenção ao rio principal e não a seus afluentes; do mesmo modo, tome os principais *dharma* masculino e feminino como linhas mestras da vida e não dê nenhum lugar decisivo em seu esquema de vida para os *dharma* acessórios menores.

Dharma para mulheres

Diz-se que o Princípio Feminino é como a ilusão imposta pelo Senhor a Si mesmo, ou como a Energia com a qual Ele provém de si mesma pela Sua própria vontade. Isso é *maya*, a Forma Feminina. Esta é a razão porque a Mulher é considerada como a natureza própria e essencial da energia cósmica universal (*Parasakthi svarupa*). Ela é a fiel companheira do Homem, a sua Fortuna. Uma vez que ela é a concretização da Vontade do senhor, ela é Mistério, Maravilha, a representação do Princípio protetor, a Rainha do lar, sua beneficência, a Iluminação da casa.

As mulheres, que são a personificação da energia (*Shakti svarupa*) de modo algum são inferiores; a sua natureza é cheia de firmeza moral, paciência e Amor (*prema*)! Seu autocontrole é raramente igualado pelo homem. Elas são os exemplos e os guias para os homens trilhareem a senda espiritual. O amor puro e não egoísta é inato nas mulheres. As mulheres, que são cheias de conhecimento, que são educadas, que são orientadas pelo amor e que têm grande entusiasmo por discernirem suas palavras e ações, estão em conformidade com o *dharma* – tais mulheres são como a Deusa Lakshmi, trazendo alegria e boa sorte para o lar. Esse lar, onde o marido e a esposa estão ligados um com o outro através do amor sagrado, onde diariamente ambos se ocupam com a leitura de livros que alimentam a alma, onde é cantado o Nome do Senhor e Sua Glória recordada, esse lar é na realidade o Paraíso – *Vaikunta*! A mulher ligada ao seu marido por intermédio do Amor é de fato uma flor irradiando um raro perfume; ela é uma pedra preciosa, derramando brilho sobre a família; uma mulher virtuosa é realmente uma jóia resplandecente.

Castidade

A castidade é o ideal para o sexo feminino. Pela força derivada dessa virtude, elas podem conseguir qualquer coisa. Savithri foi capaz, através desse poder, de recuperar a vida de seu marido; ela de fato lutou com o Senhor da Morte. Anasuya, a mulher do sábio Athri e mãe de Dattatreya, era capaz de transformar mesmo a Trindade em crianças. Nalayani, que se dedicou a seu marido leproso, poderia através da misteriosa força de sua castidade parar o sol em sua trajetória! A castidade é a suprema jóia das mulheres. Essa é a virtude pela qual ela deve ser mais louvada; os benefícios dela provenientes desafiam qualquer descrição, sendo o próprio alento de sua vida. Através de sua castidade e do poder que esta lhe confere, ela pode salvar não só seu marido do infortúnio, como a si própria por suas virtudes e vitórias, e sem sombra de dúvida até o céu. Damayanthi queimou até reduzir a cinzas pelo

¹³ Prakriti; matéria; natureza (o oposto de Purusha = espírito); Paramatma: o Atma Supremo; a Alma Suprema do Universo, o Espírito Universal



poder de sua “palavra” um caçador que tentou molestá-la. Ela suportou todos os esforços de sua vida solitária na floresta, quando o seu marido, o Rei Nala, repentinamente a deixou, vítima de um destino cruel.

Modéstia

A modéstia é essencial para a mulher, sendo sua jóia inestimável. A mulher estará indo contra o *dharma* ao ultrapassar os limites da modéstia, o que pode acarretar muitas calamidades em virtude da destruição da própria glória do sexo feminino. Sem a modéstia, a mulher é desprovida da beleza e da cultura. Humildade, pureza de pensamento e de costumes, docilidade, entrega a ideais elevados, sensibilidade, doçura no temperamento – a mistura peculiar de todas essas qualidades é a modéstia. Para as mulheres, é a mais valiosa de todas as jóias.

Uma mulher modesta se manterá sempre dentro de certos parâmetros, estabelecidos pelo senso de decoro, nela inato. Ela automaticamente se torna consciente de que determinado comportamento é ou não é apropriado, aderindo somente a ações ou comportamentos virtuosos. A modéstia é o teste da grandeza de uma mulher. Caso ela não tenha modéstia, estará ferindo os próprios interesses do sexo feminino, além de solapar a sua própria personalidade. Ela é como uma flor sem aroma, que o mundo não trata com carinho ou respeito, ou mesmo aprovação. A ausência de modéstia transforma a vida de uma mulher num desperdício e num vazio, mesmo que esta seja rica em outras realizações. A modéstia a transporta para as alturas da sublime santidade. A mulher modesta exerce autoridade no lar e fora dele, tanto na comunidade como no mundo.

Alguns poderão interromper, afirmando: “atualmente, as mulheres que reprimiram todos os escrúpulos da modéstia estão sendo dignificadas! Elas se pavoneiam, com suas cabeças erguidas, e o mundo não as diminuirá nem um pouquinho”. Eu não necessito me familiarizar com essas atividades no mundo atual; com elas eu não me envolvo. As mulheres podem estar recebendo honrarias e respeito dessa espécie, mas esse respeito não é autorizado ou merecido. Quando um serviço inferior é honorificado, tem-se o equivalente a um insulto: a aceitação significa degradar um presente valioso. Isso não é uma honraria, mas uma bajulação que é lançada ao imodesto pelo egoísta e pelo ganancioso. É como uma cusparada suja e desagradável.

Evidentemente, a mulher modesta não implorará por elogios ou homenagens. A sua atenção estará sempre dentro de certos ditames, os quais ela não violará. Para ela, elogios e homenagens vêm de uma forma despercebida e não solicitada. O néctar na flor não implora pelas abelhas, mas também não entra em conflito com elas. Assim que elas tiverem provado a sua doçura, passarão a procurar e a afluir para as flores. As abelhas vêm em virtude da ligação existente entre elas e a doçura. Assim também é o relacionamento entre a mulher que conhece os parâmetros e o respeito que ela evoca.

Caso um sapo sente sobre uma flor de lótus e proclame esse fato ao mundo, será que isso significa que ele sabe ou experimentou o valor da beleza e do aroma dessa flor? Ele pode tratar a flor com carinho, mas será que pelo menos reconheceu o que ela contém? As homenagens e o respeito dados à mulher hoje em dia são desse tipo, proporcionados por pessoas que desconhecem o que, e como apreciar. Elas não conhecem os padrões de julgamento, não têm fé nos valores finais e não respeitam o que realmente é bom e grandioso. Como podemos chamar aquilo que elas oferecem como sendo “homenagem” ou “respeito”? Só poderemos chamar isso de “enfermidade”, ou na melhor das hipóteses, “etiqueta”.

Os princípios do *Atma dharma* não permitem a aplicação do termo “mulher” a uma “mulher sem modéstia”. O acúmulo de respeito e homenagens a uma pessoa que não segue o *Atma dharma* equivale ao acúmulo de enfeites em um corpo sem vida. A alma que deixou esse corpo não pode usufruir o respeito a ele demonstrado. Igualmente, se uma pessoa que não tem consciência da Realidade ou não experimentou o objetivo da personificação do *Atma* seja honrada com fama e glória, quem obtém alegria disso tudo?

A mulher modesta não se importará com esse entulho vistoso; ela procurará de preferência o auto-respeito, que é muito mais gratificante. Essa é a característica que fará dela a Lakshmi (a deusa da fortuna e do bem-estar, consorte de Vishnu) do Lar. Essa é a razão de se referir à mulher como Grihalakshmi, a deusa protetora do lar. Caso a mulher não tenha tal característica, o lar se torna o domicílio da feiúra e não da beleza.

A mulher: o amparo do lar e da religião

A mulher é o suporte do lar e da religião. Ela cultiva e promove a fé religiosa ou a esgota e a erradica. A mulher tem uma aptidão natural para a fé e para o empenho espiritual. Uma mulher com devoção, fé e humildade leva o homem para o caminho que conduz a Deus, pela prática das virtudes sagradas. Elas acordarão mais cedo, antes da aurora, limparão a casa e após terminar a sua higiene pessoal, sentarão durante um certo tempo para as práticas espirituais e a meditação (*japa* e *dhyana*).



O Fluir da Virtude e da Retidão **Dharma Vahini**

Elas terão em seus lares um pequeno cômodo exclusivo para a adoração do Senhor; nele colocarão a imagem do Senhor e desenhos de gurus, guias e santos sábios. Esse cômodo será por elas muito sagrado e terá a sua atmosfera preenchida pelas suas orações não só matutinas e vespertinas, como nos dias santos e nos festivais. Uma mulher que se dedique sempre a essas atividades estará apta a mudar até o seu marido ateuista, convencendo-o a participar das orações, a se engajar numa boa atividade ou em algum esquema de serviço social marcado pela atitude de Dedicção ao Senhor. De fato, é a mulher que mantém o lar; essa é a sua missão. Ela é verdadeiramente a representante da força divina (*shakti*).

Por outro lado, se a mulher tentar desviar seu marido do caminho que o leva a Deus, do nível espiritual para o sensual, ou se o marido trata a sua mulher que está disposta a procurar a felicidade em seu esforço espiritual como uma pessoa que segue o caminho errado, tentando afastá-la desse caminho, ambos terão um lar que não será digno desse nome, sendo de fato o próprio inferno, onde fantasmas e espíritos malignos se divertirão.

Verdadeiramente, a mulher deveria se esforçar para obter o conhecimento da Alma e viver cada momento na consciência de que nada mais é que o *Atma*; ela sempre deve demonstrar o desejo de vir a se unir com a Divina Consciência. O lar onde a mulher assim se comporta e onde o casal orienta as suas vidas à luz dos grandes ideais, onde ambos cantam a glória do Nome do Senhor e se dedicam a boas ações, onde reina a Verdade, a Paz e o Amor e é feita a leitura regular dos livros sagrados, onde os sentidos estão sob controle e é dado um tratamento igual para toda a criação inspirado pelo conhecimento de sua unidade fundamental, esse Lar é sem dúvida nenhuma o Paraíso na Terra.

Uma mulher com tais características é uma mulher digna de seu nome. Ela deve sentir amor verdadeiro por seu marido, e somente desse modo poderá ser chamada de esposa, senhora da casa ou *grihini*. Só assim ela é *Dharma pathini* – a esposa legítima, *bharya* – a dona da casa, o Instrumento e a Companhia para o *dharma*, *artha* - o enriquecimento e *kama* - a paixão. Ela, que conhece a mente de seu marido e com ele fala doce e suavemente, é a sua verdadeira amiga. Algumas vezes, quando a esposa tem de indicar o caminho do *dharma* para o marido, ela faz o papel mesmo de um Pai! Quando o marido está abatido pela doença, ela é a Mãe!

A mulher deve primeiro concordar em servir seu marido; essa é a Verdadeira Adoração para ela. As suas orações, rituais e adorações podem esperar. Sem servir a seu marido ela não poderá alcançar a Bem-aventurança na adoração ou na meditação.

De fato, o Senhor deve ser exaltado através da figura do seu marido e todo o serviço a ele realizado deve ser elevado ao nível de adoração; esse é o caminho do genuíno dever. Se toda a ação for feita como um ato de amor ao *Atma* e sua fusão com o *Paramatma* (o Supremo *Atma*), a atividade então se torna dedicação ao Senhor. Todos esses atos salvam, eles não nos prendem.

Não importando se o esposo for ruim ou vulgar, a esposa deve, através do amor, corrigi-lo e apoiá-lo, ajudando-o a ganhar as bênçãos do Senhor. Não é correto achar que somente o progresso dela importa e que ela não tem obrigação com a melhoria ou a elevação dele. Por outro lado, ela deve sentir que o bem-estar, a alegria, os desejos e a salvação de seu marido são também para ela o remédio para todos os males. Tal mulher receberá automaticamente e sem esforço especial a Graça do Senhor, oferecida para ela em abundância; o Senhor estará sempre ao seu lado e será com ela generoso de todas as maneiras. Pela sua virtude, ela assegurará a salvação de seu marido.



Educação para mulheres

A educação é necessária tanto para o homem quanto para a mulher. A da mulher, no entanto, deve estar de acordo com as suas necessidades específicas. As mulheres educadas são de fato as promotoras do *dharma* para o mundo inteiro. Os pais também devem cooperar para que elas sejam dotadas de uma educação apropriada. Não deveria ser dada liberdade às mulheres em determinados assuntos. Eu não aprovarei a concessão a elas de tal liberdade. Elas devem ser transformadas em mulheres ideais, sendo a sua educação moldada para tal.

A liberdade desenfreada é a destruidora do *dharma*, e isso também prejudica as próprias mulheres. A mistura na sociedade sem nenhuma discriminação irá produzir resultados ruinosos. Evidentemente havia também mulheres educadas no passado, mas elas jamais abandonaram os seus *dharma*s e nunca esqueceram dos objetivos do *Atma dharma*. *Vidya* ou Educação deve ser construída com base em *viveka* ou Discernimento. Sulabha, Savithri, Anasuya, Gargi, Nalayani e outras, todas modelos de castidade, devotas do Senhor como Mira, *yogis* como Choodala, todas nasceram nesta Índia (*Bharatadesa*) e pela sua adesão ao *dharma* fortaleceram o próprio *dharma*. Certa vez, quando Sulabha estava discursando sobre o *Atma* com toda a sua erudição e experiência, mesmo Janaka (rei sábio e pai de Sita, consorte de Rama) ficou estarrecido! É através do exemplo dessa grande e santa mulher, com o seu caráter e conduta inspirados por devoção e sabedoria espiritual, que mesmo hoje a simplicidade, a humildade e a devoção brilham nos corações das mulheres indianas.

As mulheres de hoje deveriam nelas se inspirar; deveriam se esforçar para viverem como aquelas do passado. A mulher hindu deve sempre ter acima de tudo como guia o ideal do *dharma* e o progresso na disciplina espiritual. Ela poderá dominar qualquer assunto relacionado com o mundo objetivo que esteja hoje em evidência, mas o bem-estar espiritual não poderá ser esquecido; ela deverá se interessar pelo estudo do Vedanta que cultiva a Visão Interior. Uma mulher sem este treino é como uma pedra sem apoio, um perigo para ela e para as demais, um indivíduo muito desequilibrado. Sulabha e outras possuidoras de tais estudos tornaram-se *Brahmavadin* (expositoras do preceito de Brahman ou dos Vedas) bastante afamadas. A Índia produziu, como essas, diversas santas e eruditas entre as mulheres. Os sábios (*pandits* ou *vidvans*) aproximam-se de tais mulheres por inspiração e orientação.

O progresso está baseado na educação adequada para as mulheres

No que se baseia o progresso? O progresso da nação, da comunidade e da família depende de uma educação adequada da mulher. O país pode ser elevado à sua grandeza original somente através das mulheres dominando a ciência da compreensão da Realidade (*Atma vidya*). Para que a nação tenha paz e prosperidade duradouras, as mulheres devem ser preparadas por um sistema educacional que dê ênfase às qualidades e a conduta moral. A negligência na educação das mulheres é a causa da presente queda nos padrões morais e na ausência de paz social. O céu e a terra continuam os mesmos; o que mudou foi o modelo de educação, do *dharma* para o *adharma* (a não-retidão ou aquilo que é contra o *dharma*).

Referem-se à educação de hoje como sendo *vidya*, mas isso é apenas uma maneira de chamá-la. Ela não merece esse nome se você considerar as ações presentes e as características pessoais das pessoas educadas. Uma pessoa educada deve ser capaz de assimilar a alegria interior do *Atma*, independentemente das circunstâncias externas; deve ter compreendido o sentido da existência - a pessoa deve estar consciente da disciplina exigida para a compreensão da Realidade. Nos velhos tempos, a Graça do Senhor era o Diploma que todo o estudante almejava conseguir. Aquele diploma era o prêmio para aqueles que se revelavam competentes em cultivar a moralidade, o conhecimento do *Atma*, a sublimação dos instintos, uma boa conduta, hábitos puros, controle dos sentidos e da mente, assim como o desenvolvimento das qualidades divinas. Hoje, todavia, as coisas são diferentes. Diplomas agora podem ser obtidos através do estudo com afincos de alguns poucos livros! Não é possível adquirir-se treinamento moral e espiritual através do ensino moderno.

A educação deve ser dada a todas as mulheres de uma maneira bem planejada. Ela deve ser capaz de entender os problemas de seu país, devendo retribuir a educação recebida e ajudar como puder, dentro dos limites de seus recursos e capacidades, o seu país, a comunidade e a família. Nenhuma nação pode ser construída com a exclusão da cultura de suas mulheres. A geração vindoura é moldada pelas mães de hoje; os homens desta geração estão tão cheios de *adharma* e injustiça, porque as mães que os criaram não foram suficientemente inteligentes e vigilantes. No entanto, o que passou, passou. Para salvar ao menos a próxima geração, as mulheres devem ser advertidas a tempo e guiadas para tomarem as mulheres ancestrais como modelo.



Para qualquer tempo, passado, presente ou futuro, a mulher é a espinha dorsal do progresso; o coração e o próprio alento da nação. Elas desempenham o papel principal aqui na Terra, um papel chave, pleno de santidade. A sua função é o estabelecimento dos princípios da correção e da moralidade. Elas devem prover treinamento moral e espiritual para as crianças. Quando a mãe está impregnada com o *dharma*, os filhos também se beneficiam e se tornam igualmente saturados. Quando ela é especialista em moralidade, as crianças aprendem a ter valores morais. Dessa forma, o nível de educação entre as mulheres decide se o país prosperará ou declinará. As suas ações e condutas são fatores cruciais.

A responsabilidade dos mais velhos e dos pais é muito grande nesse caso. Tomemos os estudantes de hoje em dia. Neles não se observa nenhum traço de cultura. Assuntos espirituais e conversas sobre o *Atma* provocam risos neles! O domínio das palavras e uma escravidão ditada pelo costureiro ou alfaiate, tornaram-se a moda. Isso não é uma cultura genuína. A mulher educada de hoje é incompetente quando tem de administrar um lar. Esse lar para ela é apenas um hotel, onde ela se encontra totalmente dependente da cozinheira e da empregada doméstica. A mulher educada é apenas uma boneca pintada que decora o lar moderno; ela é uma desvantagem para o seu marido, um peso pendurado no seu pescoço. Ele é pressionado pelos insistentes pedidos dela para gastar o dinheiro em todo o tipo de objeto. Ela não participa das tarefas do lar e então, por simples preguiça e por comer e dormir sem praticar exercícios, acaba desenvolvendo uma doença que a leva rapidamente à morte.

O comportamento desenfreado da mulher envolveu o mundo atual numa atmosfera de declínio do *dharma*. As mulheres estão se prejudicando ao correr atrás do prazer efêmero, independentemente da necessidade de desenvolver um bom caráter e qualidades elevadas. Elas estão apaixonadas pela pseudoliberdade que alimenta as suas vaidades. Conseguir garantir um emprego, ganhar diplomas, andar para lá e para cá com todo mundo sem distinção ou discernimento, desrespeitar os mais velhos e abandonar o temor com relação ao mal e ao pecado, fazer vista grossa às reivindicações das pessoas boas e santas, fazer o marido dançar conforme a sua música, negar um tributo à repetição de seus próprios erros, serão todos esses sinais de educação? Não, todos eles representam as formas monstruosas de *avidya* – a ignorância, as atitudes egoístas e mal-educadas que tornam uma pessoa feia e rejeitada.

Caso a mulher sinta ser sagrado o lar de seu marido, esse próprio lar irá dotá-la de toda a habilidade e qualificação, não existindo para ela nenhum outro lugar melhor. Um lar como esse foi cantado por um santo poeta como sendo o templo, a escola, o parque de diversões, a arena política, o campo de sacrifício e o local de recolhimento da mulher.

Estudo e sociedade não prejudiciais a eles próprios

A mulher educada pode realizar um serviço útil à comunidade em sua volta de acordo com sua habilidade, gosto, inclinação, desejo, caráter, nível educacional, estilo de vida, disciplina ou erudição. Elas devem evitar macular a reputação de seus pais, de suas famílias e delas mesmas. Uma mulher sem um bom caráter é tão ruim quanto a “morte”. Dessa forma, a mulher deve estar sempre vigilante quando estiver vagando pelo mundo. Ela deveria evitar se exceder nas conversas e envolver-se livremente. A mulher perspicaz só se engajará em ações que abrilhantem a fama e a honra de seu marido, jamais em atos que as manchem. Essa é a razão de se dizer que “a virtude (*sagduna*) é o sinal da pessoa educada, algo que faz a educação valer a pena”.

Eu não afirmo que a mulher não deveria ser educada ou se integrar na sociedade. Por onde elas andem, se forem dotadas de boas qualidades, e se estas forem acompanhadas de boas ações e bons hábitos, bem como a aderência à eterna religião universal (*Sanathana Dharma*), e à disciplina espiritual (*sadhana*), o seu estudo realmente valerá a pena e a sociedade de fato será beneficiada. O estudo e a sociedade por si não são nocivos; eles reagem com a natureza das pessoas que fazem uso deles, produzindo bons ou maus resultados. A gata segura em sua boca tanto seus gatinhos quanto um rato, mas com que diferença? Com o gatinho, ela acaricia; com o rato, ela mata. A mordida é neutra – o rato ou o gatinho é que decidirão como ela irá se comportar.

Do mesmo modo, o conhecimento pode desenvolver o discernimento, inspirar um aumento do serviço, instigar a investigação da Realidade, promover a busca do Absoluto e mesmo pavimentar o caminho para a obtenção da plena realização espiritual (*paramahansa*). Por outro lado, ele poderia alimentar e reforçar as raízes da falsidade, hipocrisia, crueldade e injustiça, bem como ensinar também ao homem novas maneiras de fraudar e arruinar a sua carreira na terra. Ele poderia transformar o Amor em ódio venenoso e a Verdade no pomo da discórdia.

Siga as ordens do *dharma*

Portanto, qualquer assunto que uma mulher possa ter estudado ou dominado, qualquer grau que ela possa ter atingido, qualquer que seja o status dela ou de seu marido, ela deve se agarrar



O Fluir da Virtude e da Retidão
Dharma Vahini

rapidamente a essas verdades. O encanto verdadeiro consiste no bom caráter. A moralidade é o próprio alento da mulher; a modéstia, sua própria força viva; a aderência à verdade é a sua obrigação diária. Ela deve plantar as mudas do respeito (temor do pecado, temor e reverência pelo Senhor) em seu coração e cultivar o encanto da humildade. Nos campos físico, moral e religioso, ela deve aderir estritamente aos ditames do *dharma* e tomá-lo como a essência de todo o conhecimento (*vidya*). Ela deve estar preparada para sacrificar a sua própria vida tendo em vista a manutenção da honra; ela deve nutrir e preservar a sua castidade e a sua adoração por seu marido. Esse é o *dharma* principal da mulher. Esse é o motivo do seu próprio nascimento como Mulher.



Pratique o Dharma!

Os princípios do *dharma* não mudarão para ajustar-se às conveniências do homem. O *Dharma* é imutável, persistindo como *dharma* tanto hoje como para sempre. Evidentemente, as práticas e as regras em uso do *dharma* podem mudar de acordo com situações transitórias. Mesmo assim, essas práticas devem ser testadas com base nas escrituras (*shastras*) e não em suas vantagens. Tal astúcia não deveria existir. Os *Shastras* (escrituras sagradas) nem sempre suportam regras que produzem uma vantagem visível ou palpável, valendo a mesma expectativa para os Vedas e outras escrituras. O *dharma* não pode ser testado dentro dessas linhas, sendo impossível a prova direta ou ocular. Os *mimamsakas* (adeptos do sistema filosófico que se dedicam à interpretação correta dos ritos védicos) afirmam que o *dharma* pode ser conhecido somente através dos *mantras* védicos e que o empenho dos Vedas para elucidar tais verdades está além da demonstração visível.

Caso o *dharma* seja seguido preocupando-se com suas conseqüências, ele poderia até ser negligenciado quando não houver uma vantagem nítida ou imediata. Nem todos terão o mesmo motivo ou seguirão o mesmo padrão. Por exemplo, cada um terá uma idéia diferente com relação aos frutos do *snana* (banho), *sandhya* (reflexão, contemplação), *japa* (a repetição do Nome do Senhor) e *dhyana* (meditação), que são prescritos. Algumas pessoas ao invés do *Gayatri japa* (repetição do *mantra Gayatri*) ao entardecer, recitam o Vishnu *Sahasranama* ou o Shiva *Sahasranama* (repetição por mil vezes dos nomes do Senhor). “*Kale sandhya samachareth*” – realize as orações da manhã, da tarde e da noite nos horários adequados, esta é a prescrição. Mas, a despeito dessa orientação, o cancelamento da oração da tarde não representa uma transgressão do *dharma*? Do mesmo modo, existem prescrições para cada uma das castas, classes sociais.

“*Chathurvarnyam maya srishtam guna karma vibhagasah*”, diz a Gita, cujo significado é bastante claro – “Eu criei as 4 castas (*Varnas*) dividindo-as com base na qualidade e nas atividades”, é o ensinamento.

No entanto, confiando em todo o tipo de argumento mesquinho e em motivos estéreis, muitos homens seguem o *dharma* que lhes agrada e, sem nenhum temor a Deus ou ao pecado, arrastam também pessoas inocentes e ignorantes para o mau caminho.

A proteção do *dharma*

O Senhor vem, de tempos em tempos, para elevar espiritualmente os oprimidos e restabelecer o *dharma*. Essa é a razão para a encarnação do Senhor, como é dito claramente na Gita.

“*Dharma samsthapanarthaya sambhavami yuge yuge*”

(Eu Me crio para restabelecer os princípios do *dharma* a cada era).

Um ponto deve ser aqui claramente compreendido. Muitos dos que lêem a Gita acreditam que o Senhor se manifesta fisicamente quando o *dharma* é destruído e quando as forças do *adharma* começam a prevalecer. Não existe, no entanto, uma base para tirar-se a conclusão de que o *dharma* é destruído; a Gita também não diz isso. A palavra lá usada é “*glani*” (declínio ou enfraquecimento), usada quando há indicações de estar o *dharma* em perigo. “Eu virei de modo a protegê-lo do dano”. Ele não disse que viria para protegê-lo e preservá-lo após o próprio *dharma* ter sido destruído! Qual a utilidade de um médico quando a vida já se foi? Do mesmo modo, após o *dharma*, que é o próprio alento vital da humanidade, ter sido destruído, qual a necessidade para a Encarnação do Senhor (*Bhavarogavaidya*)? O que o Senhor irá proteger? Essa é a razão de a palavra “*glani*” ser usada para indicar, não a destruição, mas o declínio e o enfraquecimento do *dharma*. A proteção do *dharma* é a tarefa do Senhor, visto que o *dharma* é o próprio alento da Alma individual (*Jivi*).

A ruína pelo *a-dharma*

Dharma não é um assunto ordinário. Aquele que não o pratica está tão enfermo quanto um morto; se a pessoa o pratica, ela é de natureza divina. Agora há necessidade de colocar o homem no caminho *dhármico* através de um bom aconselhamento, tentando-o com as atraentes conseqüências de se seguir este caminho e ameaçando separar e punir como um último recurso àqueles que não o seguirem – são os tradicionais métodos de *sama* (igualdade), *dana* (generosidade), *bheda* (diversidade) e *danda* (punição). Nos tempos antigos, as pessoas nunca desistiram da prática do *dharma* mesmo quando ameaçadas de morte na ponta de uma espada. Agora, mesmo sem a mínima pressão de outros,



as pessoas escorregam e caem no *adharma*¹⁴. De fato, *dharma* é interpretado de diversos modos confusos e aqueles que seguem estritamente o *dharma* real são obstruídos, ridicularizados e tratados tão mal quanto grama seca. Aqueles que estão ansiosamente aderindo ao *dharma* são rotulados como trapaceiros, hipócritas e ignorantes. Tais caluniadores não sabem o que é o *dharma* e quais são os seus princípios. Que indivíduos desafortunados! Não têm capacidade de compreender o significado dessa palavra.

Você pode julgar por si próprio como isso pode ser entendido por pessoas que não sabem nem mesmo o sentido literal daquela palavra. Como pode uma pessoa, nascida cega, ter conhecimento do Sol e de seus raios? Evidentemente ela pode sentir o calor quando expuser o seu corpo aos raios solares, não tendo, no entanto, a idéia da natureza do Sol, seu formato, seu brilho, etc. Assim também é para uma pessoa que não tem uma concepção do *dharma* ou fé no *dharma*, para quem a alegria derivada de sua observância é algo incompreensível. Dissertar sobre o *dharma* na presença de tal pessoa é uma aventura inútil como tocar uma flauta na presença de uma pessoa totalmente surda. Ela pode ver somente a flauta nos lábios da pessoa em sua frente, não ouvindo qualquer som. Assim, quando o *dharma* é ensinado a uma pessoa ou exaltado, deve-se por precaução observar a sua fé e sinceridade, bem como se está ansiosa por praticá-lo. Caso ela corresponda, podemos tratar do assunto e procurar corrigi-la. Mais tarde, inspirado pela própria experiência e pela alegria que dela deriva, mesmo o ignorante plantará as sementes do *dharma* em seu coração.

Hoje em dia, muitas pessoas educadas, com erudição clássica e profundo conhecimento dos Vedas e dos Shastras, perderam a fé nos textos em que são mestres. Elas tornaram-se receosas de aderirem firmemente ao *dharma*, por ser isso motivo de chacota por parte de seus amigos cínicos. Elas cedem aos tortuosos argumentos dos críticos e vendem a sua herança por retornos insignificantes; interpretam o jejum do *Ekadasi* (o décimo primeiro dia da Lua crescente ou minguante, considerado sagrado para jejuar) como um dos meios de equilibrar a saúde, a ondulação da chama proveniente da combustão da cânfora como um remédio para asmáticos, *Pranayama* como auxiliar da digestão, peregrinações como turismo educativo, caridade como meio de autopromoção rebaixando e profanando os preceitos sagrados do *dharma*.

Tais homens apenas enganam o mundo. Eles são bárbaros que desconhecem ou desconsideram os princípios do *dharma*. Eles podem aprender algo de uma leitura cuidadosa do *Manu dharma* (*dharma* estabelecido por *Manu*, senhor do universo em uma era mais antiga).

Arsham dharmopadesam cha vedasastra a-virodhia yasthakena anusandhaththe sa dharmam veda netharah

Assim falou *Manu*: “Qualquer pessoa que quer conhecer o *dharma* só o conseguirá caso siga um sistema de lógica ou *tarka* (um sistema védico de filosofia) que não se oponha ao Veda e ao Shastra”. Nenhuma conclusão oposta ao Veda pode ser lógica. Uma lógica estéril não traz benefícios, não sendo recomendada por *Manu* para os que desejam estudar os Vedas. Hoje ainda existem muitos que se aferram a esse raciocínio lógico e seguem eles mesmos o *adharma*, arrastando outros também com eles ao caminho errado. Essa é a razão de ter Veda Vyasa declarado há bastante tempo:

Na yakshyanthi na hoshyanthi hethuvada vimohithah nimmokshyaham karishyanthi hethuvada vimohithah

Isso quer dizer que aqueles que seguem o caminho da lógica, procurando a conexão entre causa e efeito, não oferecerão sacrifícios no fogo sagrado e se envolverão em ações inferiores e sem significado. Veda Vyasa a isso se referiu no Aranyaparva do Mahabharata, enquanto descrevia as condições que seriam esperadas para a Era de Kali (Kali Yuga¹⁵).

Siga o *dharma*, assim como fazem os elementos

O sol e a lua se deslocam em suas órbitas sem desvios somente por seguirem o caminho do *dharma* ou retidão. Somente o chamado do *dharma* faz com que todos os poderes divinos se prendam a seus diversos deveres e responsabilidades. Somente o *dharma* mantém os 5 elementos limitados aos princípios de sua natureza.

Você deveria extrair o máximo benefício possível do *dharma* e, enquanto o segue, evitar causar qualquer dano a si próprio ou aos outros. Você deve espalhar a glória do *dharma* tornando-se você mesmo um brilhante exemplo da paz e da alegria que ela traz. Não siga a trilha da lógica estéril, não confunda o seu cérebro pelo cinismo e o preconceito, não se interesse pelo que os outros façam ou acreditam e não tente reformá-los ou corrigir os seus passos. Tenha fé no *Atma* fundamental que é a sua

¹⁴ Iniquidade; improbidade; conduta incorreta, o oposto de *dharma*

¹⁵ A Era das Trevas. A cosmogonia Hindu divide a criação em ciclos. O universo criado surge e desaparece num processo contínuo de criação e dissolução. Esse processo leva várias Eras ou Yugas. A primeira é a Sathya Yuga, a Era seguinte é a Treta Yuga, segue-se a Dvapara Yuga, Na Era de Kali, esta Era é exatamente o momento atual.



O Fluir da Virtude e da Retidão **Dharma Vahini**

verdade real. Teste todas as linhas de conduta nesta base: se irá atrapalhar ou não o processo de revelação do *Atma*. Prossiga na luz dessa fé e desse teste em suas ações e rotinas diárias. Dessa forma, você jamais cairá no erro e também obterá uma grande alegria.

Existem alguns aforismos mundanos como “*udyogam purushalakshanam*” ou “*karman purushalakshanam*”, significando que o engajamento a uma profissão é a manifestação do homem ou que o engajamento em um empreendimento é a manifestação da humanidade. No entanto, o aforismo real é “*dharmam purushalakshanam*”, ou seja, “a observância do *dharmam* é a manifestação da humanidade”. Todos devem se engajar no *Dharma karma*, ou tarefas inspiradas pelo *dharmam*, pondo em ação as *motivações humanas* (*purusha arthas*): *dharmam* (retidão), *artha* (desejo de poder e riquezas), *kama* (desejo por prazer) e *moksha* (libertação).

Dharma para homens

Do mesmo modo que a fidelidade ao esposo (*pativrata dharma*) é para a mulher, a castidade (*Brahmacharya*¹⁶) é para o homem. Assim como uma mulher deveria considerar uma e somente uma pessoa como seu mestre e marido, o homem também deve ser leal a uma mulher e somente a essa mulher como sua companheira e esposa. Ela deve considerar o marido como Deus, adorá-lo, ajudá-lo e seguir seus desejos para o cumprimento de seu dever de mulher casta e devotada ao marido (*pativrata*). Da mesma forma, o homem também deve honrar sua mulher como a “Senhora do Lar” e agir de acordo com os seus desejos, já que ela é a Lakshmi (a deusa protetora do lar). Só assim poderá ele merecer a condição de “homem”.

Nome e fama, honra e desonra, vício e crueldade, bom e mau, são uniformes e iguais tanto para o homem como para a mulher. Não tem sentido afirmar que a somente a mulher está presa e o homem livre: ambos são igualmente limitados pelas regras do *dharmam*. Ambos cairão no *adharma* caso se comportem sem levar em consideração as reivindicações dos quatro pares de atributos anteriormente citados. O homem também está preso a certas questões assim como a mulher o é, não tendo o direito de fazer determinadas coisas. Existem alguns compromissos importantes entre o marido e a esposa.

¹⁶

O início do caminho que leva ao conhecimento pleno de Bhahman



Gayatri: a mãe dos Mantras

Tudo o que é visível brilha como *Gayatri*, pois a palavra (*vaak*) é *Gayatri* e todos os objetos são a palavra, indicados pela palavra e classificados pela palavra. É a palavra que os descreve, os declara e os indica. Todos os objetos são também do mundo. Nada pode ir além dele. Este mundo é o corpo da humanidade; ele não pode escapar de seu corpo. A respiração (*prana*) que o sustenta está dentro do coração (*hridaya*) e ela não pode se transferir para fora e além do coração.

O *Gayatri* tem quatro suportes e seis categorias. As categorias são fala, objetos, terra, corpo, respiração e coração (*vak, bhuta, prithivi, sarira, prana e hridaya*) –. O Espírito Supremo que é louvado por esse *Gayatri* é de fato enaltecido, sagrado e glorioso. Toda essa multiplicidade objetiva, como tem sido dito, é somente uma fração de Seu Corpo. O número e a natureza, a medida e o significado dos objetos estão além do entendimento; no entanto tudo isso é apenas a quarta parte de Sua Magnificência. Os outros três quartos representam Sua Forma Imortal Irradiante.

É impossível compreender o Mistério dessa Forma cheia de esplendor. O Espírito Supremo indicado pelo *Gayatri* é de fato referido como Brahman. Ele é o espaço cósmico (*akasha*), além da compreensão do homem. Fala-se d'Ele como além da personalidade das pessoas (*bahir dhapurushakasah*) – esse é o sinal da Etapa Desperta. O Espírito Supremo está no céu, dentro da personalidade do homem (*antah Purushakasah*). Esse é o sinal da “Etapa do Sonho”. Ele é o céu dentro do coração do homem. Ele o preenche completamente, e essa é a “Etapa de Sono Profundo”. Todo aquele que conhece essa Verdade alcança a plenitude e Brahman. Isso quer dizer que aquele que conhece os três estados de vigília, sonho e sono profundo (*jagat, svapna e sushupti*) é ele próprio Brahman.

Como é absurdo que o homem, conhecido como um ser divino e levando consigo o nome dessa personificação do *Atma*, torne-se o repositório do egoísmo e da conseqüente impureza, ocupado na profanadora busca da injustiça! Que coisa calamitosa! Ao menos para ser conhecido mesmo hoje como um “ser divino”, o homem deveria tentar praticar o caminho que irá dotá-lo com uma pequena parte desta Glória.

Como então falar de *dharma* para pessoas? Como pode se esperar que as pessoas que não se cuidaram para merecer nem mesmo uma parcela infinitesimal da glória do Ser Supremo pratiquem o *dharma* para as pessoas? Nem mesmo a busca mais aplicada irá agora revelar uma fração dela! Como o antigo sábio (*rishi*) disse:

Quando aquele que nasceu duas vezes desiste dos cultos matutinos e vespertinos (*sandhya*), cai na perdição. Aqueles que negligenciam os cultos matutinos e vespertinos não têm direito a qualquer outro tipo de ritual.

*Samdhyahino suchirnithyamanathas sarva karmasu
Yad anyath kuruthe karmo no thasya phala bhag bhaveth*

Assim dizem todos os ensinamentos transmitidos pela tradição, portanto, de autoridade secundária (*Smritis*) e os Vedas. Por praticarem por muitos anos a adoração do *sandhya*, os sábios dos tempos antigos adquiriram longa vida, fama, glória, sabedoria e o esplendor da Divindade. Isso é também mencionado por *Manu*, mentor e legislador da humanidade. Dessa forma, sob a consideração de qualquer ponto de vista, nenhum *brahmin* pode merecer essa condição se ele não medita no *Gayatri*.

Evidentemente o que se entende como *brahmin* nesse contexto é o homem que reconheceu o princípio de Brahman (*Brahmathathva*) e que se purificou pela prática da contemplação incessante de Brahman. Isso nada tem a ver com casta e mesmo com religião. No entanto, aqueles que herdaram o nome *brahmin* têm uma responsabilidade especial em seguir os cultos do *sandhya* e ao *Gayatri*.

Os quatro deveres das pessoas

O que é exatamente *sandhya*? *San* significa bem, e *dhya* é derivado de *dhyana* (meditação), e dessa forma, *sandhya* refere-se à intensa ou apropriada meditação no Senhor; significa concentração no Ser Supremo. Para poder fixar a mente em Deus, as atividades têm de ser controladas. Para se ter sucesso nesse processo de controle, deve-se sobrepujar as desvantagens dos *gunas* (atributos ou propriedades características da matéria): *Satva* (bondade, sabedoria, luz), *raja* (paixão, ansiedade, inquietude) e *tamas* (ignorância, preguiça, apatia). Quando essas faces do impulso natural predominam e tentam dirigir o indivíduo ao longo de seus canais, ele deve rezar a Deus para anular tal atração. Esta é a primeira obrigação do homem que se esforça por Deus.



Faz parte das leis da natureza, ter-se a manhã como um período de atributo puro (*sátvico*¹⁷), o meio-dia como natureza agitada (*rajásica*) e o início da noite como do atributo da inércia (*tamásica*). Ao amanhecer, a mente é despertada do conforto do sono e liberada das agitações e depressões, estando então clara e tranqüila. Nessa hora, com essa condição mental, a meditação no Senhor é muito frutificante, como todos sabem. Esse é o motivo por que se prescreve a veneração na alvorada (*pratha sandhya*). No entanto, ignorante desse significado, o homem continua realizando o ritual de um modo mecanicamente cego, simplesmente porque os antigos estabeleceram a regra. A segunda obrigação do homem é realizar a adoração (*sandhya*) após dar-se conta do seu significado profundo e interior.

Com o avanço do dia, o homem é introduzido ao atributo da paixão (da agitação) - o *rajoguna* -, entrando ele no campo do trabalho diário pesado. Antes de realizar o seu almoço, ele é conduzido novamente a meditar no Senhor para dedicar não só o trabalho como os frutos dele derivados. O homem só poderá comer após esse ato de devoção e recordação agradecida. Esse é o significado da adoração do meio-dia (*madhyamika*). Pela observação do ritual, a paixão é controlada e dominada pela natureza pura (*sátvica*). Essa é a terceira obrigação de todos os homens.

O homem é então possuído por uma terceira natureza – a da inércia (*tamas*). Quando chega o cair da tarde, ele se apressa a voltar para o lar, onde se fartará de comida e se deixará dominar pelo sono. Uma obrigação, no entanto, estará por ele esperando. Comer e dormir é o destino dos preguiçosos e desocupados. Quando o pior dos atributos (*gunas*), a inércia (*tamas*), ameaça dominar, o homem deve realizar um esforço especial para escapar dessa espiral, recorrendo à oração em companhia daqueles que louvam o Senhor, lendo a respeito da glória de Deus, do cultivo de boas virtudes e do objetivo pleno de nutrir as boas regras de conduta. Esse é a veneração noturna (*sandhya-vandanam*) prescrita.

A mente que emerge da ociosidade do sono deve, portanto, ser adequadamente treinada e aconselhada, de modo a sentir que a bem-aventurança da meditação e a alegria de se desligar do mundo exterior são bem maiores e duradouras que o conforto que se pode obter através da dose diária de repouso físico. Essa bem-aventurança e alegria podem ser sentidas e percebidas por todos, pois o discernimento trará esse objetivo para você. Essa é a quarta obrigação do homem.

O homem que, enquanto estiver vivo, observar a adoração Deus (*sandhya*) três vezes ao dia, é de fato da mais alta qualidade. Ele é sempre glorioso e atinge tudo o que deseja. Acima de tudo é um liberto, mesmo enquanto vivo (*Jivanmukta*).

Cultive a força da alma

Deve-se tomar cuidado para que as orações diárias não sejam conduzidas de forma rotineiras, uma entre as várias estabelecidas por costume. Devem-se ser executadas de maneira consciente de sua relevância e dando importância ao seu significado interior. Deve-se compreender claramente o sentido do *mantra Gayatri*¹⁷. É necessário sentir a identidade entre o Ser Irradiante, o *Atmasvarupa* (Personificação do Ser Divino) aqui mencionado, e a si próprio. Somente aqueles que ignoram o seu significado é que negligenciarão o *Gayatri*.

Manu conferiu uma importância especial ao declarar que o *Gayatri* é o próprio alento vital do *brahmin*. Essa não é somente a sua declaração, mas a Verdade. O que é mais eficiente para a elevação espiritual do que a meditação na no resplendor que ilumina e alimenta o Intelecto do Homem? O que é vitalmente mais frutificante do que a oração, que roga pela salvação da mente das tendências pecaminosas?

Não existe para o homem melhor armadura que o cultivo das virtudes. *Manu* afirma que o *brahmin* não perderá sua condição social enquanto ele se mantiver ligado ao *Gayatri* e for inspirado por seu significado. Ele diz que se o indivíduo for muito fraco para prosseguir no estudo dos Vedas, ele deve ao menos recitar o *Gayatri* e a ele se prender, até a hora da morte. A lei tradicional feita pelos homens (*smirithi*) também afirma que não existe tesouro mais rico que o *Gayatri*.

A força da alma pode realizar todas as tarefas do mundo. E, uma vez que o *Gayatri* confere tal força interior, para que ela seja fomentada, é necessário que o *Gayatri* seja cultivado com cuidado no momento certo e sem negligência. Para o crescimento e desenvolvimento do corpo, a comida pura (*sátvica*) não é necessária? Igualmente, a irradiação do sol deve ser representada para reforçar a irradiação interior do homem na forma de imaginação criativa (*bhavana*).

Quando a força da alma aumenta, os sentidos também são ativados e conduzidos de modo a dar bons frutos. Quando declinam, os sentidos falham e o abandonam. Assim, se a energia solar for captada no momento oportuno, será como as sementes plantadas na estação correta, assegurando-se a colheita. Pode a escuridão esconder e confundir quando o sol já se levantou e banhou a terra com todo o seu

¹⁷

Mantra Gayatri é a Prece Universal exaltada nos *Vedas*, as escrituras mais antigas do homem e é dirigido à energia do Sol, Surya. Ele tem infinitas potencialidades. *Gayatri* é a Mãe dos *Vedas* e redime quem o canta. É dirigido à Divindade Imanente e Transcendente. Cantar o *Mantra Gayatri* promove e aguça a faculdade que produz o Conhecimento no homem.



esplendor? Pode a dor prevalecer quando nos infundimos com toda essa irradiação? Com podemos estar desprovidos de força, força essa derivada da própria fonte de Brahman? A técnica desse processo foi estabelecida pelos antigos para o benefício de todos os aspirantes. Aprenda e pratique-a, e pela sua própria experiência, você será capaz de testemunhar a Verdade desse caminho.

Qual o objetivo do sacramento *Upanayana*, a Cerimônia do Cordão Sagrado na qual o menino é iniciado com um cordão sagrado e ganha um segundo nascimento, o espiritual? Qual é o *mantra* com que você é iniciado nesse dia? Por que só esse *mantra* deve então ser ensinado? Por que não é dada igual proeminência a outras fórmulas místicas? Reflita nesses assuntos e então você descobrirá que o *Gayatri* é a mãe dos *mantras*. Você também perceberá os rituais reluzindo com um novo significado: as regras e as fórmulas estarão plenas de significado; as ações e as atividades dos antigos parecerão valer a pena. Caso não tente conhecer o significado, você as interpretará como uma orientação destituída de sentido, caindo em truques e estratégias para escapar das obrigações da vida. Você será apanhado por injustiça e negação (*anyaya* e *adharma*).

O verdadeiro significado do Gayatri

Qual é o real significado da palavra *Gayatri*? Será que alguém hoje tenta conhecê-lo? A palavra significa uma Deusa ou uma fórmula. *Gayatri* é aquilo que protege (*thra*) os cinco alentos vitais que sustentam o corpo humano (*gaya* ou *pranas*), ou os órgãos dos sentidos (*indriyas*), começando pela fala (*Vak*). Além desse fato, diz-se que "*Gayantham thrayathe yasmad gayatri thena thathyathe*", que significa: aquilo que salva aqueles que o cantam, o reverenciam e o repetem, ou nele meditam, é chamado *Gayatri*. É esse *mantra* sagrado que transformou um sábio real (*rajarshi*) como *Vishvamitra* em um *brahmarshi*, sábio que pertence à classe dos *brahmin* ou *brâmanes* – sacerdotes e educadores, a cúpula da sociedade indiana antiga. O *Vedamatha*, a mãe que é o Veda, conferirá todas as dádivas àqueles que A adorarem. Essa Deusa é descrita em palavras gloriosas pelos *brâmanes* e nos *Dharma sutras* - o texto composto pelas regras do *dharma*; se você os entende claramente, poderá realizá-los sem ajuda.

O *dharma* imbuído desses mistérios profundos é hoje racionalizado e interpretado obstinadamente em diversos sentidos mesquinhos, motivo pelo qual ocorreu o seu declínio. Dessa forma, é imperativo reviver-se o *Sanathana Dharma*, a eterna religião universal, e os princípios da interpretação natural da Verdade *Átmica* que é a base do *dharma*. De outra forma, o significado ficará irreconhecível e prevalecerá o capricho dos indivíduos. Qualquer ação será qualificada como *dharma*, independentemente de sua natureza!



O estágio de chefe de família

Os estágios que regulam a vida do homem (*asramas*) são quatro: *brahmacharya* (estudante ou celibatário por motivos religiosos), *grihastha* (chefe de família), *vanaprastha* (eremita que se isola na floresta) e *sanyasa* (renunciante às coisas do mundo). Todos eles baseiam-se no estágio de chefe de família, uma vez que é o principal estágio, já que ele promove os outros três, sendo em decorrência o mais importante de todos.

Assim como todos os seres vivos dependem do ar para viver, os outros três estágios dependem do chefe de família. Este não só alimenta e veste os outros, como provê as facilidades para o estudo dos Vedas, ponto esse muito claramente enfatizado por *Manu* em seus *Dharma Shastras*. Ele declarou que o chefe de família também atinge a libertação, devendo para tal somente seguir estritamente o *dharma* estabelecido para o seu estágio. Não há dúvida que qualquer um que seguir o *dharma* do seu estágio atingirá a libertação.

Todos os quatro estágios levam à libertação

No código social compilado *Manusmriti*, no contemplativo *Narada Upanishad* (*Parivrajaka Upanishad*) e em outros textos semelhantes, é mencionado que, em determinadas circunstâncias, o *chefe de família* que adere ao *dharma* é considerado como a mais elevada espécie de homem, enquanto que em outros textos é estabelecido que somente os sábios que renunciaram a tudo merecem adoração. Em vista disso, pode surgir a dúvida: ou adota-se o estágio de chefe de família, que é a base e o suporte para todos, ou segue-se o universalmente honrado estágio do renunciante, o caminho interior do desapego (*nivritti*). Existe uma relação íntima entre o chefe de família digno de adoração e o santo Espírito Iluminado ou *Paramahansa*. Dessa forma, qualquer que seja o estágio ao qual pertença, você não estará errando. Todos os quatro estágios levam você a *moksha* ou Libertação caso siga estritamente o *dharma* prescrito para cada um deles e caso você se devote firmemente à sua elevação. Cada estágio é importante em seu próprio cenário; o teste essencial, no entanto, é a conduta e as práticas do indivíduo. Caso ele esteja envolvido em boa conduta, qualquer estágio é sagrado e louvável. Esse é o julgamento das escrituras (*shastras*).

Aqueles que são dotados com o *Atmajñana* – o conhecimento do *Atma* e sua verdade básica, atravessam o oceano do nascimento e morte, e sem sombra de dúvida conseguem a libertação. Por outro lado, aqueles que são ignorantes com relação aos votos e ritos para eles prescritos, bem como os que não estudaram os Vedas, as *Upanishads* e a *Gita*, mas se satisfazem com a mera pureza e aparência exteriores, certamente sofrerão um malogro.

O conjunto de ritos e votos prescritos para a prática diária (*nityanushthana*) é a mais importante entre as disciplinas. É o mais elevado *Tapas* (práticas de austeridades com a finalidade de perceber Deus), e o mais elevado *dharma*. Você notou o que a *Gita*, a essência de todas as *Upanishads*, tem a dizer sobre esse ponto? Aqueles que são permanentemente ativos no campo espiritual, independentemente da classe social e do estágio de vida a que estejam vinculados, alcançam o Senhor. Isso é o que *Manu* também diz – “eles são dotados com a Sabedoria Superior (*viññana*)”. A pessoa que é livre de qualquer desejo, que não possui a mínima inclinação para fruir ou deleitar-se com o mundo dos sentidos, que não possui nenhum traço de egoísmo ou possessividade, que está permanentemente na bem-aventurança da consciência do Brahman – a Verdade Absoluta, o Uno –, que está distante de qualquer vestígio de arrependimento, tal pessoa está fundada na suprema alegria e paz. Ao menos em seus momentos finais, caso o homem se prenda no conhecimento de sua natureza básica, que é Brahman, ele pode sem sombra de dúvida ser bem sucedido na união com Aquele que É.

O estágio da sabedoria imperturbável (*sthithaprajña*) é muito natural para tais pessoas. O constante sentimento de que “Eu sou Brahman”, é a panacéia para todos os males do homem. A Libertação vem através da própria idéia de que “Eu sou Brahman” (*Aham Brahmasmi*). O verdadeiro dever do homem é cultivar tal sentimento e adquirir tal experiência. O ignorante (*ajñani*), que é movido pelo princípio da inércia (*jada*), acredita que ele é o corpo! O erudito (*pandit*) que é capaz de um pequeno raciocínio ou indagação sente que a alma individual (*Jivi*) em seu corpo é o “eu”. No entanto, aqueles sábios que podem ver o *Anatma* (o não Eu) como separado do *Atma*, sabem que a verdade é: “Eu sou Brahman” (*Aham Brahmasmi*), não se desviando dessa convicção.

Classes sociais como os *brahmin* ou *brâmanes*, e cores como branco e preto, estágios de vida como estudante, etc. são condições físicas e não características do *Atma*. Eles são condicionados por tempo e lugar, pertencem a este mundo de servidão e são governados por motivos a ele relacionados. Eles são estabelecidos pela Divina Vontade para o funcionamento ordenado do mundo, devendo ser



observados por todo aquele que está preso às limitações mundanas. Para aqueles que não são afetados pelas limitações e extensões, ou seja, estão além das ligações deste mundo, elas não são importantes. Essa é a razão por que as pessoas permanentemente engajadas com a constante contemplação em Brahman (*Brahma Nishtha*), que compreenderam a Realidade Básica, não as observam muito! Elas não estão presas a classes sociais, vendo tudo como a própria Realidade Básica ou Fundamental. Como então podem prestar atenção àquilo que é chamado de casta? No entanto, até que esse estágio seja alcançado, você deve seguir as regras da sua casta e do seu estágio de vida sem exceção. Esse é o *dharma* para os “conscientes do corpo” – o *Deha dharma*.

Devote-se estritamente ao dharma

Os grandes sábios (*Maharishis*) que compreenderam o *dharma* divino (*Atmadharma*) declararam que o ser, a consciências e a bem-aventurança (*Sat*, *Chit* e *Ananda*) são as características básicas do Eu Superior. Por esse motivo pode-se dizer que aqueles grandes sábios (*vijñanis*) atingiram Brahman, que é Ele próprio o ser, a consciência e a bem-aventurança (*Sat-Chit-Ananda*). Para a libertação é suficiente a clareza da visão para se ver o *Atman*—isso é essencial e não a casta ou a cor.

Como obter tal visão clara? A resposta é: através da prática do *dharma*, o *dharma* que é condicionado pela casta e pelo estágio de vida (*asrama*)! O *dharma* permite a realização do *Atma*, sem nenhuma névoa que o esconda da visão. A prática do *dharma* o preencherá com experiência, sendo a verdade estabelecida através dessa experiência. A Verdade revela-se claramente e a Visão garante a libertação. As pessoas que estão livres de tais empecilhos internos que escondem o *Atma* poderão pertencer a qualquer casta ou estágio de vida (*asrama*), pois, independentemente deles, elas atingem a libertação. Esse pureza de consciência (*Antahkarana Suddhi*) é o que as escrituras (*Shastras*) exaltam quando falam de salvação.

Aqueles que estão presos a apegos e ao ódio, mesmo que morem como ermitões na floresta, não poderão escapar do mal. Aqueles que conquistaram os sentidos, mesmo que sejam chefes de família, podem se dedicar ao ascetismo (*tapasvi*). Caso estejam engajados em ações não prejudiciais ou condenáveis, poderão então ser chamados de sábios (*jñanis*) - aquele que conquistou a Sabedoria e alcançou a Verdade. O lar é a gruta sagrada onde se cumpre a austeridade religiosa (*tapovana*) e se consegue a libertação dos vínculos. Tal libertação não pode ser conseguida através de hereditariedade, caridade, riquezas, ritual sagrado (*Yajna*) ou pela *Yoga*. O que é necessário para a libertação é a limpeza de nosso ser inferior (*self*).

Somente as escrituras são a autoridade para decidir se a ação é correta ou errada. Independentemente de seu estágio de vida, se a pessoa tiver como objetivo a realização de Brahman e se procura realizar o *Svasvarupa*, isto é, a sua verdadeira Realidade, tal pessoa terá êxito na remoção do véu da ignorância e conhecerá a si próprio como Brahman. Atenção fixada no *Atma* – este é o significado da libertação.

Entendendo essa lição ensinada pelos Vedas e praticando os princípios de vida estabelecidos para o seu particular estágio de vida, qualquer um, independentemente de sua casta, poderá atingir o estágio supremo (*Paramapada*). Caso exista a determinação e a força de vontade para se aderir estritamente ao *dharma*, caso não haja dificuldade na aquisição da suprema sabedoria (*jñana*), pode-se atingir a libertação sem entrar no estágio de renunciante, mesmo que se permaneça como dono de casa ou chefe de família.

Governantes sábios (*rajarishis*) como Janakachakravarthi, Asvapathi e Dilepa, alcançaram a meta enquanto continuavam no estágio de chefe de família. Nesse estágio lutaram e tiveram êxito na remoção de todos os obstáculos que impediam o recebimento da Graça do Senhor, dentro de seus objetivos de alcançar o Ente Supremo. Portanto, não tenha dúvida – o estágio de chefe de família (*grihasthasrama*) não é obstáculo.

Harmonia na família

Movido pelo desejo de cruzar esse oceano cíclico de nascimentos e mortes (*samsara*), o marido e a esposa devem ter a harmonia da mente. A resolução para alcançar o objetivo deve ser igualmente forte e firme em ambos; de outro modo, a renúncia é o refúgio! Veja que mesmo o Sol do meio-dia é associado com o Seu Consorte – a sombra (*chaya*); a lua minguante está intimamente associada aos raios de luz frescos, atuando como um néctar. A dona de casa deve ser sábia, paciente, calma, boa e deve ter todas as virtudes; dessa forma, o Lar brilhará e será também um Lar vitorioso no campo espiritual.

Não existe uma regra determinando que uma pessoa, quando se veja em dificuldades no campo espiritual em seu lar, deva ir embora e abraçar a renúncia. Se o marido assim proceder, sem a completa aprovação da mulher, isso jamais será proveitoso. O melhor que pode fazer é deixar o lar com a esposa e ser um ermitão residente na floresta (*vanaprastha*), aderindo ao *dharma* desse novo estágio. Caso



O Fluir da Virtude e da Retidão
Dharma Vahini

existam filhos necessitando de atenção e cuidado, mesmo o *vanaprastha* nesse estágio não é favorecido pelas escrituras.

Deve-se tornar as crianças independentes de nossos cuidados para então deixá-las por conta própria. Desse modo, as escrituras (Shastras) exigem que uma pessoa permaneça no estágio de chefe de família até a idade de 48 anos, independentemente de que isso seja favorável ou não. Deve-se lá permanecer e esforçar-se para desempenhar o *dharma* apropriado à sua condição particular (*svadharma*), sem nenhum obstáculo. Se este vier, dedique-o também ao Senhor, aceitando-o silenciosamente como Seu jogo divino (*lila*) e como o Seu Plano. Esse é o caminho para seguir a disciplina do chefe de família, o caminho para ambos – homem e mulher.



Todos podem buscar a sabedoria espiritual

O alto e o baixo, o rico e o pobre, o homem e a mulher – todos são afetados pela doença e têm o direito de procurar os remédios para curá-la. Do mesmo modo, todas as pessoas são afetadas pela doença do nascimento e da morte e têm direito ao remédio, denominado o Conhecimento do Absoluto (*Brahmavidya*), que é a cura efetiva. Essa é a herança de todos. De acordo com o estágio alcançado e o grau de desenvolvimento atingido na disciplina espiritual por cada um, bem como a extensão na assimilação do remédio, cada pessoa terá sua saúde melhorada em termos de paz e equanimidade. Aqui, no entanto, uma coisa deve ser especialmente mencionada: junto com o remédio, deverá haver uma estrita aderência às regulamentações que dizem respeito ao modo de vida.

O remédio – a consciência de Brahman, deverá ser ministrado e reforçado pelo *dharma* apropriado, assim como pelo cultivo da devoção (*bhakti*), da suprema sabedoria (*jñana*) e do desapego (*vairagya*). Restrições com relação à dieta, além de outras, são componentes essenciais no tratamento da doença; assim também, a mera iniciação no conhecimento de Brahman (*Brahmajñana*) não é suficiente. Sem equanimidade (*sama*), autocontrole (*dama*) e as outras excelências morais e espirituais, ninguém pode alcançar o objetivo, independentemente de ser imperador ou servo, de ter nascido na miséria ou em berço de ouro. Ainda que qualquer um esteja habilitado à herança do conhecimento de Brahman, somente a receberão aqueles que se se proverem com a devida qualificação. Não devemos ser suficientemente fortes para suportar o tratamento e para digerir e assimilar a medicação? Caso tal força não esteja presente, o Próprio Grande Médico não atestará que o paciente pode tomar a medicação. Alguns médicos, vendo o apuro de seus pacientes, dão remédios gratuitos para aqueles que os necessitam desesperadamente, quando acham que eles são muito pobres para adquiri-los; que falar do Senhor, o Maior de todos os médicos, a Fonte e o Vigor da Misericórdia e da Graça? Ele leva em consideração a capacidade e a necessidade e providencia o fornecimento do remédio.

As mulheres podem buscar o conhecimento de Brahman

Temos agora um problema: estão as mulheres habilitadas a buscar o conhecimento de Brahman (*Brahmavidya*)? Essa questão já foi respondida. Se a mulher não tem direito a esse conhecimento, como pôde Vishnumurthi ensinar a Bhudevi, consorte de Vishnu, o mistério da Gita? Como pode Paramesvara ensinar a Parvati a Gurugita? “*Dharovacha*”, “*Parvathyuvacha*”, essas declarações revelam que Dhara e Parvati tomaram parte nas discussões e fizeram perguntas para esclarecer certos pontos. As escrituras meditativas (*yogashastra*) e das palavras rituais (*mantrashastra*) foram ambos ensinados a Parvati por Ishvara. Não nos parece que isso deve estar correto e autorizado pelas escrituras (*shastras*)? Na Upanishad Brihadaranyaka, é dito que Yajnavalkya ensinou o conhecimento de Brahman a Maytrei.

Os Vedas consistem de duas partes: a porção sobre rituais ou ações (*Karmakanda*) para o iniciante (*ajñani*), e a porção sobre sabedoria espiritual (*Jñanakanda*) para sábio (*vijñani*). Mesmo que se leve somente as escrituras (*shastras*) em consideração, elas têm também duas seções: as palavras dos eruditos e as palavras dos sábios, mostrando a experiências deles sobre o conhecimento do *Atma* (*Atmajñana*). Desses, a palavra dos que desistiram de toda idéia de autoria, como uma consequência da sua percepção da identidade de Brahman e do *Atma*, a palavra daqueles que sabem e sentem que o mesmo *Atma* é inerente à multiplicidade da vida, que perderam toda a distinção entre “meu e teu”, que procuram o bem-estar de toda a criação animada e inanimada – somente as palavras de tais conhecedores do *Atman* são genuínas e valiosas.

No Brihadaranyaka, existe menção a mulheres sábias e brilhantes como Gargi e Maitreyi e no Mahabharata, encontramos os nomes de Sulabha e Yogini. As mulheres deveriam ser inspiradas pela retidão moral e firmeza delas e então trilharem tal caminho, somente então surge a questão de atingir-se uma elevação similar. Chudala, Madalasa e outras mulheres atingiram o conhecimento de Brahman, embora estivessem no estágio de vida de dona de casa (*grihasthasrama*). A mulher pode, através de disciplina espiritual (*sadhana*), atingir tal Verdade Absoluta (Brahman), firme, inigualável e auspiciosa; isso fica claro no Yogavasishta e também nos Puranas. Dúvidas irão perseguir somente aqueles que não estudaram adequadamente as escrituras (*shastras*). Noviças, donas de casa, reclusas, todas elas, entre as mulheres, atingiram o objetivo através de seus corações puros e conduta santa. Todas as mulheres deveriam esforçar-se para adquirir essas duas qualidades.

“O guia espiritual (*acharya*) é dez vezes mais valioso que o professor de artes e ciências. O pai é dez vezes mais valioso que o guia espiritual e a mãe é mil vezes mais valiosa que o pai”. Essa é a declaração de *Manu* no *Manusmriti*. Esse código de leis ou *Smriti* é o texto unificador para todas as



escrituras sobre o dharma (*dharmashastras*), e é a sua própria base. Veja que grande honra ele presta à mulher! Lakshmi, a protetora da prosperidade, é uma divindade feminina. Ao endereçarem-se cartas a mulheres na Índia, costuma-se iniciar com: “Para (...), igual a Lakshmi sob todos os aspectos”. As mulheres têm direito ao respeito universal. Aparecimentos casuais da Divindade como Rama e Krishna, professores religiosos como Shankara, Ramanuja e Madhva, portadores da Sabedoria Suprema como Buda, Jesus Cristo e Maomé – não nasceram todos de mulheres? Suas mães eram encarnações da glória sagrada e deram ao mundo filhos que o transformaram. As mulheres que seguem os seus passos e levam vidas puras e consagradas podem reivindicar o direito ao conhecimento de Brahman (*Brahmajñana*), e ninguém poderá a elas negá-lo.

O *Atma* é de fato destituído de qualquer diferença, como a existente entre homem e mulher. Ele próprio é a consciência pura, eterna e auto-iluminada (*nithya, suddha buddha, svayamjyotih*). As mulheres só podem alcançar a condição daquelas santas mulheres quando se tornarem conscientes da natureza do *Atma*.

As divindades patronas do Conhecimento Superior ou *vidya* (Sarasvati), da riqueza (Lakshmi), e da Sabedoria ou *jñana* (Parvati) são todas mulheres! Portanto, é inacreditável que a mulher não tenha direito à disciplina espiritual, mostrando o caminho da fusão com Brahman e da emancipação final da servidão.

Pratique as prescrições espirituais

Um leão adormecido não é ciente de sua natureza. Igualmente, o homem adormecido, envolto pelo véu da ilusão (*maya*), não é consciente de que ele é o *Atma* Esplendoroso. Nesse estágio de ignorância, ele se ocupa mais com seus preconceitos e dá a suas preferências a chancela das escrituras (*shastras*)! As escrituras jamais declarariam isso em qualquer época.

A escritura sagrada é um olhar vigilante para a humanidade. É o olho que orienta, ilumina e guia. Seguir a sua orientação é o total dever do homem. Essa é hoje a grande tarefa diante do mundo. Havendo completo entendimento das escrituras não surgirá qualquer dúvida e nenhuma discussão será necessária.

Não é adequado selecionar e sobrepor assuntos das escrituras que lhe são adequados, bem como se opor às suas regras. Mesmo o ato de desafiá-las e falar levemente de suas determinações é pecaminoso. O mundo chegou a esse triste estado principalmente porque as escrituras têm sido negligenciadas na prática. Essa é a tragédia, a queda moral.

Os aspirantes à Libertação devem primeiro praticar as regras e as restrições prescritas as escrituras para a elevação do caráter e a consagração dos sentimentos. A mera erudição adquirida pelo estudo laborioso das escrituras, caso destituída desse libertador conhecimento de Brahman (*Brahmajñana*), é apenas um fardo muito exaustivo! Tais eruditos são como as colheiras que são colocadas em doces e iguarias, mas que não as provam! O Mundakyaupanishad comparou aqueles que não assimilaram a essência das escrituras, mas apesar da própria ignorância guiam outras pessoas, como cegos guiando outros cegos, resultando na queda no mesmo poço tanto dos líderes quanto dos liderados!

Mesmo sem o conhecimento das escrituras, se tiver sabedoria (*jñana*) adquirida através da experiência e da prática, você poderá atingir o objetivo através destes meios e liderar outros também pela senda que se tornou familiar a você. O estúpido acha as escrituras desnecessárias. As pessoas santas que estão imersas, sempre e sob quaisquer condições, na contemplação do Brahman e na doçura dessa Bem-Aventura, também não têm necessidade das escrituras. Evidentemente, a estrita aderência à Verdade e à prática do *dharma* pode levar a uma grande privação, mas, tendo em mente a bem-aventurança que o espera no final, você deve suportar tudo isso e tolerá-las de bom grado. Somente os inteligentes poderão se salvar pelo conhecimento da Verdade. Os demais permanecerão aprisionados.

Classificação das quatro eras (yugas)

A classificação das eras (*yugas*) baseia-se no perfil mental dominante. Na era da verdade (*Krita Yuga*) dizia-se que o *dharma* caminhava com quatro pernas, feliz e seguro. Na segunda era (*Treta Yuga*) o *dharma* tinha somente três pernas, enquanto que na terceira era (*Dvapara Yuga*), ele cambaleava com apenas duas! Na presente era (*Kali Yuga*), de acordo com essa tradição, o *dharma* possui somente uma perna.

As quatro pernas são a verdade, a compaixão, a austeridade ou penitência e a caridade (*sathya, daya, tapas e dana*). Caso alguém possua essas quatro, pode-se dizer que ele está na Era de Ouro (*Krita Yuga*), independentemente da era vigente no calendário. Se a verdade não estiver firme, mas se ele mantiver as outras três qualidades, ele está na *Treta Yuga*. Se a verdade e a compaixão estiverem ausentes, mas persistirem a austeridade e a caridade, pode-se dizer que os indivíduos com esses



O Fluir da Virtude e da Retidão
Dharma Vahini

predicados encontram-se na Dvapara Yuga. Permanecendo apenas a caridade das quatro qualidades, é como se o *dharma* se apoiasse em apenas uma perna e a pessoa que cultiva a caridade, considerando-se que as restantes tenham desaparecido, está na Era de Ferro (Kali Yuga), mesmo que tenha cronologicamente vivido na Era de Ouro. As eras (*yugas*) mudam somente com a mudança do *dharma* e não com a mera passagem do tempo. Tanto o malvado Hiranyakasipu como o puro de coração Prahladviveram na mesma era cronológica. Esta mesa era viu Dharmaraja, a personificação da retidão e da paz (*shanti*), bem como o malicioso e trapaceiro Duryodana. *Dharma* então é que faz a era (*yuga*) de cada um, podendo-se estar sempre na Era de Ouro (*Krita Yuga*) somente através da manutenção de todas as quatro qualidades do *dharma*. É a conduta do homem que faz ou arruína a história e transforma a Idade de Ouro na Idade do Ferro.



Capítulo 10

A casa de Deus

Falemos agora sobre a casa de Deus, a residência do aspecto com forma da divindade, o Templo (*Alaya* ou *Mandir*) e as regras do *dharma* que lhe dizem respeito. As regras se tornaram demasiado numerosas e dominaram essas instituições, seguindo os caprichos e preconceitos provenientes de diversas autoridades. Elas desviaram as pessoas do *dharma* e de Brahman, até mesmo do próprio *karma*, confundindo os devotos com sua variedade e irracionalidade. Insistindo assim cegamente, eles fizeram muito mal para o próprio bem-estar do mundo. De fato, essas regras e formalidades constituem-se no primeiro passo para o afastamento de Deus e fomentaram o ateísmo em grande escala.

As funções do templo

Pense profundamente sobre as funções do templo. Eles são centros de disciplina, onde o aspirante é guiado passo a passo para atingir a visão da Verdade. São escolas para o treinamento do espírito, são academias para a promoção dos estudos das escrituras, são institutos de superciência, são laboratórios para o teste dos valores da vida. São hospitais para o tratamento e cura, não somente da “doença-do-nascimento-e-morte”, que persiste nas pessoas desde outras eras, como também dos bem mais evidentes “transtornos mentais” que perturbam aqueles que desconhecem o segredo de se adquirir a paz. Templos são os ginásios onde o homem é recondicionado, sendo curados a sua fé hesitante, convicção declinante e crescente egoísmo. Templos são espelhos que refletem seus padrões e as suas realizações estéticas. O objetivo do templo é despertar a divindade na humanidade (*madhavathva* no *manavathva*), induzindo o homem a acreditar que a estrutura física na qual ele vive é a própria casa de Deus. Em consequência, todas as formalidades, ritos e rituais do templo enfatizam e cultivam a verdade espiritual (*Brahmajñana*) de que o indivíduo (*jivi*) é apenas uma onda do Mar de Deus.

A devoção (*bhakti*) é a rainha

As escrituras ensinam o homem que todas as suas ações e atividades têm como objetivo final o desapego, por ser o melhor requisito para o desenvolvimento do conhecimento de Brahman. Devoção, sabedoria e desapego, dos três, a devoção é a Rainha. As regras e ritos são como serviçais; a Rainha trata as suas auxiliares com generosa consideração e favor, mas se os membros do cerimonial, que são apenas serventes e auxiliares, desagradam à Rainha, deveriam ser implacavelmente demitidos. Todas as formalidades e rituais nos templos devem dessa forma servir à glorificação da Rainha, a devoção; essa é a soma e a substância do *dharma*, que deve dirigir e governar todos os templos. Só então o homem pode atingir a meta.

A devoção torna mais fácil a obtenção da bem-aventurança da fusão com o Brahman fundamental, através da canalização das agitações da mente, da capacidade dos sentidos e dos impulsos emocionais do homem na direção do Senhor. É nessa direção que toma forma todos os detalhes da adoração do Senhor nos templos. Neles, todas as diversas cerimônias desde o “Acordar de Deus no início da alvorada” até o “deitar-se” tarde da noite, têm como objetivo a elevação e a promoção das tendências devocionais da mente. Cada incidente sucessivo auxilia a sublimação da emoção apropriada de um modo particularmente encantador. Na sublimidade dessa experiência, a agitação das emoções mais baixas declina e desaparece. Os sentimentos vulgares da vida banal tornam-se elevados ao nível da Adoração e Dedicção à Presença Onipotente.

O Senhor evocará em cada um a emoção que essa pessoa a Ele associa. Se Ele é concebido como um monstro (*bhuta*), Ele irá aterrorizar como um Monstro. Caso Ele seja retratado e concebido como o Senhor dos Cinco Elementos (*Bhuthanatha*), Ele próprio se manifestará dessa maneira. Talvez você pergunte – como? A tolice fundamental desta era é esta atitude de dúvida.

Agora está na moda distribuir conselhos, moda essa a que se entregam tanto aqueles que sabem, quanto os que não sabem, sem se importarem se são seguidos ou não. As pessoas criam essa atitude superior de darem conselhos apenas para se sentirem importantes e mostrarem o seu status. Elas são confundidas por sua própria vaidade, e deve-se ter mais pena do que condena-las, já que ninguém pode até aqui estabelecer ser “assim e assim somente” no que diz respeito ao Senhor.

Além disso, ainda que a sabedoria (*jñana*) e o desapego (*vairagya*) possam ter alguns padrões de medida, a devoção tem a sua própria medida, assumindo muitas vezes uma forma ajustada à atitude do devoto (*bhakta*). Kamsa, Jarasandha, Sisupala, Hiranyakasipu, entre outros, adotaram uma atitude de hostilidade para com o Senhor, de modo que Ele próprio se manifestou como seu Inimigo e acabou com as suas carreiras e contendas. Sendo o Senhor concebido como O Mais Amado, como Jayadeva,



Gouranga, Tukaram, Ramdas, Surdas, Radha, Meera e Sakkubai fizeram, Ele Se manifesta como o mais próximo e o mais querido e distribui bem-aventurança em abundância. A criancinha indiana considera o sol como similar à marca vermelha (*kumkum*) da testa de sua mãe, mas o adulto com conhecimento o vê como uma esfera de calor irradiante. Isso mostra o efeito da imagem mental no processo de compreensão. A mesma lei se aplica tanto no caso da Divindade quanto no do Templo.

É adequado que o homem tenha uma atitude enaltecadora tanto com o Senhor quanto com a Sua Habitação – o Templo. Essa atitude leva a um grande proveito. Embora seja bastante natural e apropriado a retratação de Madhava (um nome de Deus) pelo homem na forma humana, não é desejável assumir que Ele seja apenas um indivíduo normal. O princípio da devoção declara que o Senhor é caracterizado como uma Pessoa extraordinária, com a forma do Sublime Esplendor.

Os sentimentos que despertam durante a adoração

Os sentimentos despertados durante e pela adoração devem ser doces e melódiosos, transformando imperceptivelmente os desejos inferiores e os anseios do homem limitado pela matéria. Tais sentimentos não devem despertar ou inflamar os instintos animais latentes no homem. Tomemos um exemplo: Thyagaraja esqueceu-se de que deveria ir dormir, no seu entusiasmo em ver que Rama foi colocado na cama. Você não deve aqui deduzir que Thyagaraja fez Rama dormir num balançar, mas sim que Rama assentou Thyagaraja no balanço da devoção e delicadamente o embalou até dormir (ou até o esquecimento de todas as coisas materiais).

Ao invés de se lembrar de seu filho no berço quando você balança a sua divindade escolhida (Ishtadevata) no seu berço de prata ou ouro, você deve cultivar a atitude de ver a sua divindade escolhida, Rama ou Krishna, no berço quando você nele balança o seu próprio filho. Do mesmo modo, quando se situar à frente de Deus ali instalado, você deve garantir a instalação de Brahman em seu próprio coração como o real alicerce de sua existência, conhecimento e bem-aventurança. É para instilar esse sentimento que os ritos e as cerimônias de adoração foram organizados no templo. Dessa forma, caso seja hinduísta, você não deveria tomar Sita-Rama, Radha-Krishna, Lakshmi-Narayana ou Parvati Paramesvara no templo como “casais insignificantes”, levando uma vida miserável no limitado altar, sobrevivendo com a comida oferecida pelo devoto e mitigando a sede com as bebidas por ele oferecidas. Os devotos dizem: “o Senhor está dormindo”, “o Senhor está se alimentando”, enquanto recusam a abrir a porta do santuário interno. Isso é um absurdo. Eles algumas vezes até impõem o silêncio, alegando “estar o Senhor dormindo e dessa forma poderia ser logo acordado pelo ruído”. Nesses momentos não haverá chance nem de surgirem súplicas.

Declarações como essas podem causar conclusões erradas nas mentes dos homens, levantando ridículas indagações como os problemas do Senhor em responder aos chamados da natureza enquanto confinado num nicho; tais afirmações promovem o ateísmo entre os homens. Os devotos e os críticos que não acreditam são ambos ignorantes dos princípios reais da adoração no templo, sendo essa a razão por sua conduta. Você deveria ser suficiente refinado para evitar o caminho mundano inferior. O templo não deveria de modo algum ser avaliado com base em princípios mundanos; somente a atitude de Devoção pode enobrecer e embelezar os sentimentos que de outra forma o degradariam à senda mundana inferior.

As regras do templo não devem discordar das concepções mais elevadas de devoção

Atualmente, por conta de um modismo disparatado, os templos tornaram-se assunto de escárnio. Esse é um triste estado das coisas. Por esse motivo é necessário revelar publicamente o real objetivo da adoração no templo e elevá-los ao seu devido status. Os templos devem prosperar mais uma vez.

É absurdo ter a impressão de que o Senhor dorme como você ao ouvir uma canção de ninar ou que Ele acorda como você quando alguém O chama em voz alta, ou que Ele banqueteia-se quando alguma comida é colocada em Sua presença do mesmo modo que você gostaria de fazer, ou que Ele se torna cada vez mais fraco, assim como você, na ausência de refeições regulares. Preenchendo o Universo de sua totalidade até a menor parte de um átomo, não alcançável pelo Tempo, com brilho irradiante além da imaginação, misericordioso além de qualquer expectativa, o Senhor tem de ser concebido como a energia Vital que invade e entremeia em toda a parte, para sempre. Que atitude insensata é sujeitar o Senhor com tal estatura às críticas desaprovadoras dos cínicos e às falsas teorias dos ignorantes.

Pode-se vincular o Senhor a um cronograma assim como você pode fazer com um devoto (*bhakta*)? Será que o devoto tem um tempo fixo para não se envolver num trabalho duro? Deve ele esperar até que o Senhor desperte de seu sono? Ora, tudo isso é absurdo! A criança pode a qualquer hora chorar pelo leite da mãe, fazendo com que ela saia de seu sono e a alimente no seu peito. Ela não



se livrará da criança, irada por ela ter gritado, acordando-a. Ora, o Senhor, que é a Mãe Universal, deve ser perturbado e acordado pelo menos um milhão de vezes, se Ele de fato dormir.

Tudo depende do progresso de suas faculdades mentais, as quais devem alcançar o nível supremo. O Senhor é onipresente; Ele é capaz de tudo; Ele é a Testemunha Universal – não existe nada que Ele não saiba. Essas Verdades devem ser tomadas como axiomáticas e todos os rituais e práticas devocionais (*sadhanas*) devem ser organizados e interpretados em conformidade com elas. Nenhum sentimento de rebaixamento deve ser associado com a adoração do Senhor, ou com o Seu Nome e Forma. Por esse motivo, a devoção mais elevada e os ritos que o suplementam são fundamentais. Dizer que o sono do Senhor pode ser perturbado, que ninguém deveria interrompê-Lo quando estiver comendo, e que nessas horas as portas do templo deveriam estar fechadas, é no mínimo infantil. Isso não indica uma atitude correta ou tolerante. Quando a emoção da devoção amadurece, florescendo em larga escala, esses sentimentos seculares e inferiores desvanecem completamente.

Um pequeno incidente vem agora à mente: certa vez, no Templo de Kali construído por Rani Rasmani em Calcutá, uma imagem de Gopala caiu, quebrando um pouco o seu pé. Visto que muitos anciãos declararam que, de acordo com as escrituras, uma imagem quebrada não deveria ser adorada, Rani Rasmani tomou providências para que os escultores fizessem uma nova. Ramakrishna soube disso e censurou Rani dizendo – “Maharani, se o seu genro quebra a sua perna, o que você fará? Qual a coisa correta a ser feita? Colocá-lo na posição correta e enfaixá-lo, ou descartar o genro pondo outro em seu lugar?” Os eruditos e os anciãos emudeceram, sendo o pé de Gopala consertado e a imagem reinstalada e venerada com antes. Veja que quando a devoção (*bhakti*) é purificada e superior, ficará patente a presença do Senhor mesmo em um ídolo quebrado. Esse também é o *dharma* declarado nas escrituras (*shastras*).

Quando as portas são fechadas, as regras poderiam indicar que não deveriam ser abertas, mas isso é apenas uma orientação geral, tendo em vista que, na presença de pessoas como Sankara, Sananda, Jayadeva, Chaithanya, Gouranga, etc., torna-se impossível seguir as regras. O Senhor Krishna deu a volta em Udipi para dar o *darshan* a Seu devoto. Shiva se doou diante da intensidade da devoção de Nandanar. O motivo para o fechamento das portas não tem ligação com o senhor; tais regras foram prescritas pelos anciãos por motivos que nada têm a ver com a Divindade.

Você deve ter regras que não conflitem com as concepções mais elevadas do devoto. Caso os empregados do templo não tenham prazos fixos para as suas tarefas e tudo for confiado a seus caprichos e extravagâncias, o templo não será capaz de insuflar devoção na mente do homem comum; certas limitações e regulamentações são necessárias mesmo para despertar a reverência e o respeito, que são as raízes da devoção. Esse é o motivo por que são estabelecidas determinadas horas para a entrada nos templos e para a abertura do sacrário para a adoração. Tais restrições não são incompatíveis com o seu maior objetivo, visto que a missão do templo é promover o *dharma* e desenvolver a cultura interior e a disciplina espiritual.

As atitudes, as ações e o comportamento humano, todos esses devem ser subservientes às necessidades globais do crescimento da consciência de Deus como uma Presença Viva. Dessa forma, certas regras são, sem dúvida, necessárias para o correto desempenho dos rituais do templo; de outra forma, o homem comum não aprenderá a ter firmeza, fé e disciplina, e não desenvolverá sua devoção. A responsabilidade dos devotos (*archakas*), dos encarregados dos templos (*dharma kartas*), bem como a dos fiéis em geral é de fato grande. Todos devem estar conscientes dos objetivos dos templos e da necessidade da realização de seus rituais: eles promovem a fé (*sraddha*) e a devoção (*bhakti*), mais do que qualquer outra coisa. Portanto, as portas do templo podem ser abertas a qualquer hora para permitir a adoração por parte dos ardentes buscadores. Ninguém deveria esquecer ou ignorar este fato: Templos existem para o progresso e o bem-estar da humanidade.



Capítulo 11

Três Eras

As Eras, classificadas de acordo com os princípios e práticas do progresso espiritual estabelecido no *dharma* hindu, são três:

1. A Era dos Vedas, durante a qual se deu bastante importância aos Rituais (*karma*).
2. A Era das Upanishads, onde a ênfase em sabedoria (*jñana*) era maior do que qualquer outra coisa.
3. A Era dos Puranas, quando a devoção (*bhakti*) foi declarada e descrita como a mais importante.

A Era Védica

A literatura védica consiste de hinos (*samhitas*), Brahmanas, textos compostos ou estudados na floresta (*Aranyakas*) e as Upanishads. Desses, os três primeiros lidam com as ações (*karma*) e são conhecidos como *karmakanda*, enquanto que a última, Upanishads, diz respeito à sabedoria espiritual (*jñana*), sendo chamado de textos da sabedoria (*jñanakanda*).

Os grupos de *mantras* nos textos védicos (*samhitas*) são repletos de hinos de louvor ao Senhor (*stotras*), glorificando divindades como Indra, Agni, Varuna, Surya e Rudra. Os arianos na antiguidade obtinham paz, contentamento e plena realização para os seus desejos através de sacrifícios e rituais endereçados àqueles deuses através dos *mantras*. Eles perceberam que o Princípio Absoluto, o *Paramatma*, é Um e somente um; eles também sabiam que, apesar disso, Ele se manifesta como variado e multifacetado, sob diferentes Nomes e Formas.

Em muitos *mantras* do Rig Veda, isso é claramente anunciado:

“Existe apenas Um: aqueles que viram a Verdade a elogiam de várias maneiras – *Agni Yama, Matharishvan*”. (*Ekam sat viprra bahuda vadanthi agnim yamam matharishvana mahuh*)

Esse Brahman, o Um sem um Segundo, é designado no Rig Veda como Hiranyagarbha, Prajapathi, Visvakarma Purusha. Os hinos (*suktha*) Hiranyagarbha e Purusha são exemplos clássicos dessa visão.

O modo de vida dos antigos arianos é designado “*dharma*”, podendo também ser denominado “ritual sagrado (*yajna*)”. Sua disciplina diária era marcada por rituais, adoração (*puja*) e louvação, rendição e dedicação. Dessa forma, suas vidas eram plenas de devoção (*bhakti*). A palavra devoção pode não ser usada como tal nos Samhitas, mas não está lá presente a palavra fé (*sraddha*)?

“É apenas através de fé que a chama do fogo sacrificial é acesa e alimentada. É somente através da fé que as oferendas atingem os Deuses aos quais estão destinadas. Louvemos a fé, que é a forma mais elevada de adoração”.

(*Sraddhayagnih samidhyathe sraddhahoyathe havih sraddhan bhagasya murdhanivachassa vedayamasi*)

Veja quão poderoso é o poder da fé!

As disciplinas simples e espontâneas da Era Védica tornaram-se gradualmente complexas e confusas pela proliferação de rituais e regras formais. Com o passar do tempo, declarou-se que o *dharma* consistia de ritual (*yajna*) e oblação aos deuses (*homa*), e que se poderia ganhar o Céu apenas com a execução de tais ritos! Ainda que o ritual seja de fato um método de adoração dos Deuses, começou-se a valorizar o próprio ritual ao invés dos Deuses – “Os Deuses são apenas os meios; aqueles que desejam o Céu devem fazer ritual”. Essa declaração ilustra o desvio realizado.

A Era das Upanishads

Enquanto isso se iniciava a Era das Upanishads. Elas rejeitaram os objetivos materiais, pois eram destituídas de valores permanentes, e foram julgadas inferiores. De fato, a porção ritual (*karmakanda*) dos Vedas foi transformada e revalorizada nas Upanishads como veículo para a libertação do homem da escravidão aos ciclos de vida e morte, usados como um barco para cruzar o oceano da existência mundana (*samsara*). A visão do aspirante a uma vida espiritual (*sadhaka*) das Upanishads rompe com esse “mundo externo objetivo dos sentidos”, centrando-se “no mundo interior”. Os sábios (*rishis*) versados nas Upanishads coletivamente confirmam a natureza do princípio mais elevado dessa forma: “No fundamento mais profundo deste mundo mutável de nome-forma (Nama-rupa Jagath), há o ser permanente, Uno e eterno (*Sat*), que é o Absoluto, o Altíssimo Brahman (*Parabrahman*). O Altíssimo pode ser alcançado através da sabedoria (*jñana*) da *yoga*.” Portanto: Investigue isso; isso é Brahman. (*Thad Vijijnasva Thad Brahma*). Esse é o conhecimento de Brahman (*Brahmavidya*) que as Upanishads (o Vedanta) ensinam.



Além disso, as Upanishads também declaram: “Os Vedas, ainda que digam respeito principalmente ao objetivo humano de atingir o Céu, também provêem o treinamento básico para a obtenção da Libertação (*moksha*). O alcance do Absoluto não depende totalmente ou apenas do domínio desse conhecimento de Brahman (*Brahmavidya*); está além do alcance do estudo, da erudição ou da conquista intelectual. Ele pode ser percebido somente através da adoração (*upasana*).” Caso o erudito, com todo o peso do saber, também fique imerso em *upasana*, sua vida é de fato santificada!

Diante de tais aspirantes, o Senhor se manifestará em Sua Real Glória. Este é o significado da seguinte declaração na Brihadaranya Upanishad sobre a ligação entre o individual e o Universal (o *Jivi* e o *Paramatma*):

O Universal é para o indivíduo o mais elevado objetivo, a mais alta riqueza, a maior elevação e a mais profunda alegria (*Eshosya parama gathi-eshosya parama sampat eshosya paramo loka-eshosya paramanandah*).

Na Taithtiriya Upanishad isso foi proclamado desta forma: “O Mais Elevado Atma (*Paramatma*) é a fonte de contentamento por ser Ele a personificação da mais pura emoção (*rasa*). Alcançando-O, a alma individual (*jivi*) pode mergulhar em contentamento. Caso o *Paramatma* não brilhe no firmamento do Coração, quem apreciará, quem viverá? É o Atma mais elevado que alimenta a todos com a bem-aventurança (*ananda*)”.

A Era dos Puranas

As raízes da devoção (*bhakti*) encontram-se espalhadas nos textos dos Vedas, brota nas Upanishads e começa a crescer até tornar-se um ramo totalmente florido nos Puranas.

Muitos estão ainda confusos quando têm de determinar o que é de fato devoção (*bhakti*) ou qual a natureza da atitude denominada devoção! É impossível para qualquer pessoa estabelecer os limites entre o que exatamente é devoção e o que não é, pois ela tem infinitas facetas. Apenas almas puras, meigas, tolerantes, calmas e amorosas, a nata dos renunciantes (*sadhus*), os cisnes (*hamsas*) brincando sempre na companhia dos devotos aparentados podem entender a sua pureza e profundidade. Os outros o acharão tão difícil encontrar devoção numa pessoa quanto descobrir maciez numa pedra ou frieza no fogo. O devoto ama mais o Senhor do que a própria vida e o Senhor a ele se liga em igual medida. Alguns grandes homens chegam a declarar que o devoto é superior a Bhagavan; o fazendeiro ama as nuvens mais do que o oceano, ainda que as nuvens apenas tragam as águas do oceano para os seus campos; o oceano não vem diretamente sobre as suas safras. Assim é como Tulsidas descreve o relacionamento entre o devoto e Bhagavan. As nuvens trazem a misericórdia, o amor, a grandeza do oceano e a fragrância da atmosfera, espalhando-os através da chuva por toda a terra; do mesmo modo também os devotos levam essas características marcantes aonde quer que vão. Assim como o ouro é extraído das minas, essas virtudes também são partes da Divindade no homem.

Certo dia, o sábio Durvasa chegou à corte de Ambarisha para testar a força da sua devoção a Deus. Com esse objetivo, criou um demônio (Krithya) a partir de sua ira para destruí-lo. Todavia o disco (*chakra*) do Senhor, que destrói o medo no coração dos devotos, destruiu Krithya e começou a perseguir Durvasa até os confins da terra. Durvasa voou sobre as colinas e vales, lagos e riachos, atravessou os sete mares e tentou se refugiar em vão nos céus, já que o inimigo de um devoto não poderia se asilar em lugar nenhum. Finalmente, ele caiu nos pés de Deus (Narayana) em Vaikhunta, um penitente exausto; o Senhor, no entanto, declarou que Ele estava sempre ao lado de Seu devoto, e que Ele não iria jamais abandonar o devoto que confia Nele como o seu único refúgio. “Eu sigo o devoto do mesmo modo que o bezerro segue a vaca, já que ele por Mim abandona tudo o que é considerado agradável pela mentalidade do mundo.”

Certa vez, Krishna disse o seguinte a Uddhava: “Austeridade, sabedoria, renúncia (*tapas, jñana, vairagya*), yoga (comunhão), *dharma*, juramento (*vratha*), peregrinação – o mérito conquistado por essas características é recebido por Meus devotos até com maior facilidade.” Reflita como é grande a verdadeira devoção! Por seu intermédio, um pária (*Chandala*) pode superar mesmo um *brahmin*! Este sem devoção é inferior ao pária dotado de devoção. Isto foi elaborado nas Puranas. Aquilo que foi descrito nos Vedas como simplesmente “Não isso, Não isso” (Nethi Nethi), o que é declarado como “além do alcance das palavras, bem longe da compreensão da mente”, aquilo que não é alcançável pelos sentidos, mente ou intelecto – tal entidade é capaz de ser sentida e vivenciada por aqueles imersos em meditação. A devoção (*bhakti*) traz isso facilmente para a consciência e preenche o devoto com a bem-aventurança.

O Bhagavan, descrito nos épicos Puranas, não é apenas *Brahman* o Uno sem atributos e sem forma (*nirguna nirvikara advithiya*), a coisa a ser conhecida, a origem do universo e a consciência pura (*chitsvarupa*). Ele é também o repositório de todas as Qualidades Nobres, Elevadas e Atrativas; Ele é a Lembrança e o refúgio de tudo que é belo e amoroso; Ele eleva, energiza e purifica. O *Brahman* imanifesto, sem-atributo, percebido no clímax do caminho da sabedoria espiritual (*jñana marga*) não



O Fluir da Virtude e da Retidão
Dharma Vahini

pode ser compreendido pelo indivíduo centrado nos sentidos sem grande esforço e dificuldade. Esse é a razão por que os Puranas se alongam bem mais no aspecto com atributos (*saguna*) do que no aspecto sem atributos (*nirguna*) da Divindade.

Inicialmente, o aspirante deve praticar a disciplina espiritual (*sadhana*) relacionada com o aspecto com atributos de Deus; isso o irá dotar com a concentração e mais tarde, de acordo com a lei do procedimento do grosseiro para o sutil, ele poderá fundir a sua mente no próprio *Brahman* sem atributo. A miragem leva o homem sedento para bem longe do reservatório. Ele então se recusa a vê-la e retorna ao lugar onde a água está disponível. Alcançando o reservatório, ele consegue beber e matar a sua sede (*sthula souram bhika anyaya*). Dessa forma também, aos aspirantes, após a liberação (*moksha*), vem o desejo de meditar e adorar o Supremo sem forma (*Nirguna Upasana*); o Senhor que é associado aos devotos toma as formas procuradas pelos homens santos (*sadhus*) e as grandes almas (*mahatmas*). Por sua generosidade, Ele concede as quatro motivações da vida humana (*purusharthas*) - *kama* (desejo por prazer), *artha* (desejo de poder e riquezas), *dharma* (retidão) e *moksha* (libertação).



Capítulo 12

Templos

Os antigos consideravam os templos não só como locais de Deus (*devamandirs*) como também locais de sabedoria espiritual (*vijñanamandirs*). Eles sabiam que Deus pode ser alcançado pelo serviço feito conscientemente e com pleno conhecimento de seu significado. Sentiam que os templos são Academias do conhecimento superior onde o homem desenvolve o verdadeiro conhecimento com propósito. Eles sabiam que a casa de Deus no coração do homem seria tão limpa e santa quanto era a Casa de Deus no vilarejo onde moravam. Você pode adivinhar a natureza dos habitantes de uma aldeia simplesmente observando o templo daquela aldeia e as suas imediações. Os antigos pensavam que – “Se o templo é mantido limpo, com uma atmosfera sagrada, você pode deduzir que os puros aldeões estão cheios de medo do pecado e que eles caminham na senda da Bondade”.

Atualmente, tais Instituições de inspiração espiritual (*Divyajñana mandirs* ou *Atmopadesalayas*) se rebaixaram a locais onde “ofertas” são distribuídas e onde se realizam piqueniques e festas ruidosas. Desocupados reúnem-se nesses recintos para jogar cartas, dados e outros jogos. O espírito malévolo de Kali (*Kali-purusha*) diverte-se jubilosamente quando tais grupos reúnem-se nos templos.

O templo é o coração da vila

Isso é contrário ao *dharma*. O templo é o coração da comunidade, devendo ser dessa forma preservado, nutrido e acalentado como adequado ao coração. Acredite que Deus ande pelo templo – é a sua residência. Todos têm a responsabilidade de preservar a santidade de sua atmosfera, que confere a alegria de servir ao Senhor. Acredite que o templo é o coração de tudo; no dia em que isso for considerado, o princípio Divino (*Madhavathva*) no homem brilhará como uma jóia. Essa é a Verdade, essa é a razão para todo o custo e sacrifícios acarretados pela construção dos templos. As autoridades da aldeia, ou agências governamentais, ou os próprios devotos devem tomar todas as providências para o desenvolvimento da sabedoria e da disciplina espiritual; só então o homem poderá mais adiante brilhar em seu divino esplendor. Isso não é tudo; existem alguns críticos contemporâneos que condenam coisas tais como os ornamentos nas portas dos templos (*gopurams*) como desperdício de dinheiro. Isso revela uma visão bastante limitada, já que uma pessoa que tenha um ideal elevado e uma visão aberta jamais faria tal observação. Caso você se aprofunde no significado do portão de entrada do templo, poderá perceber como é sagrado, misterioso e revelador o seu objetivo. O portão de entrada acena para o viajante que perdeu seu caminho e que vaga distante da verdade – “Ó mortais! Cegos pela névoa das ligações físicas e pelos impulsos de auto-engrandecimento, sobrepujados pelas influências nocivas dos desejos mundanos fugazes e falsos, esqueceram-se de Mim, a fonte e o sustento de todos vocês. Procurem essa eterna, sempre pura e permanente torre de alegria. Esquecendo-Me, vocês chafurdam no lamaçal do fracasso, perseguem a miragem nas areias do deserto. Venham; tenham fé em Mim que sou eterno. Lutem para sair da escuridão e entrar nos domínios da Luz, e venham para o caminho real da paz (*shanti*) que é a Senda do *dharma*. Venham, Venham, Ó Venham”.

Assim Gopala chama a todos, com as mãos levantadas, acima dos telhados em todas as aldeias.

Dessa forma, quando visto através desse vislumbre mais elevado, os portões de entrada dos templos podem ser respeitados como indutores do crescimento dos ideais e da conduta humana. Esse é o princípio que alicerça a construção dos portões de entrada (*gopurams*). Tais ideais elevados inspiram essas estruturas. Este é o verdadeiro significado, que pode ser vivenciado e sentido. A luz no alto do portão é o símbolo da Luz que é o refúgio de tudo, é a representação da firme lâmpada interior, acesa na mesma Chama pessoal; é a Iluminação Interior, obtida pela fusão com Deus (Hari).

Templos são como oásis no deserto. Para os que perderam o seu caminho nas areias quentes do desgosto e da ganância, eles são locais da Felicidade e Paz Supremas (*Prashanti mandirs* e *Santhoshasadans*), onde você é bem recebido para a alegre e serena Paz. Os portões de entrada são guias para os peregrinos perdidos, sustentando em seu topo a Bandeira do Nome de Deus. Todos deveriam ser gratos a eles pelo serviço.

A razão para o mistério

Muitas pessoas modernas sagazes, porém insensíveis, estão confusas com o objetivo de todas as construções e condições, convenções e costumes, que giram em torno do templo. Elas não podem entender o significado de qualquer resposta que esteja além de seu limitado entendimento. Um paciente com febre alta acha serem amargas mesmo as coisas doces; igualmente, aqueles afligidos pela febre



alta do estado mundano jamais poderão provar a verdadeira doçura da verdade. A febre deve primeiro baixar; só então eles poderão apreciar o valor das coisas do espírito.

Qual é o objetivo da vida humana? Qual o objetivo que deve o homem realizar? É apenas comer, beber, dormir, provar uma pequena alegria e desgosto e finalmente morrer como qualquer pássaro ou fera? Não, certamente não! Um pequeno pensamento revelará que não é assim. O objetivo é a realização do Absoluto, Brahman (*Brahma Sakshathkara*)! Sem isso, nenhum homem pode alcançar a paz (*shanti*). Ele deve obter essa bem-aventurança da Divina Graça. No entanto, muito esforço é requerido para extrair alegria da multiplicidade das coisas mundanas, sendo o total de satisfação muito pequeno, pois é impossível obter paz através das coisas do mundo. A mente só pode ter paz quando se fundir na Consciência Absoluta, a Causa Primária, a Existência Imutável.

Mesmo a casa mais confortável, equipada com todos os luxos que o homem pode ansiar, mesmo pilhas de tesouros, são impotentes para dotar alguém com paz. Esta pode ser conseguida apenas pela rendição a Deus, que é o núcleo mais íntimo de um ser, a própria fonte de toda a vida e do viver. Considere isto: aqueles com sorte suficiente para possuírem riqueza, ouro, propriedades e conforto, estão tendo paz? Isso não é tudo; homens altamente cultos, pessoas de extraordinária beleza e de força física sobre-humana, estão todos eles ao menos em paz consigo mesmos e com o mundo? Qual a razão da miséria mesmo para eles?

A razão é que eles esqueceram-se da Base Divina da Criação, bem como ignoraram o Princípio Fundamental Absoluto. Todas as vidas, vividas sem Fé e devoção pelo Único Supremo Senhor, são desprezíveis; vidas gastas sem o saboreio do Néctar do Princípio Divino são todas oportunidades perdidas.

É realmente uma estranha mudança de eventos! A sua base Genuína, sua Fonte de sua alegria, seu Princípio fundamental último (*Paramartha*) tornaram-se para você algo exterior e distante, inútil e não almejado. O mundo, com o seu brilho superficial ordinário, tornou-se próximo e natural, necessário e desejável.

Negando a eles mesmos a bem-aventurança derivada da rendição ao Senhor, o homem anda loucamente para lá e para cá em nome da devoção, perseguindo sinais sagrados, sábios e rios sagrados. Uma pequena quantidade de devoção genuína os despertará dessa ilusão, ensinando-os que o homem pode obter paz apenas pelo retorno a seu lar natural, isto é, Deus. Até então, a nostalgia o irá perseguir.

Os templos são convites e lembranças de Deus

Os templos são convites para esse lar, placas de sinalização dirigindo o homem para lá. Em determinada ocasião, Sri Ramachandra falou assim para os que estavam reunidos para ouvi-lo na colina Chitrakuta: “O alvorecer surge e a escuridão desaparece. Com o alvorecer, a cobiça desperta no homem; com o anoitecer, a luxúria dele toma conta. É esse o seu modo de viver? É esse o seu objetivo? A cada dia que passa, o homem desperdiça uma preciosa chance, dando um passo a mais na direção da Caverna da Morte. Será que ele lamenta a sua sorte ou o seu dia perdido?” Repare quão valiosa é a recordação dessa mensagem!

É por causa daquelas lembranças que a cultura da Índia (*Bharatavarsha*) tem Deus como seu tema central. “Bha-ratha” significa terra que tem apego (“*rathi*”) a Deus (*Bhagavan*). Enquanto que os ocidentais renunciam a tudo em suas mentes bitoladas pela devoção à descoberta das leis que governam o mundo objetivo, na Índia (*Bharatavarsha*) os homens renunciam a tudo pela descoberta e experiência do Absoluto, que é a Causa Primordial do Universo e que, se conhecida, confere Paz inabalável.

Os ocidentais renunciam em favor do transitório, enquanto que na Índia – os indianos – a renúncia é em favor do eterno. Tem-se nestes o desenvolvimento espiritual (*vijñana*) contra a ignorância (*ajñana*) daqueles, austeridade e penitência (*tapas*) contra a brutalidade e ilusão (*tamas*) dos ocidentais. Isso assim é porque mesmo atualmente o esplendor dos sábios (*rishis*) e *yogis* brilha através do correr dos séculos nos rostos dos homens; se algumas vezes as sombras da desesperança, melancolia e descontentamento passam rapidamente pelos rostos indianos, é uma advertência do próprio declínio da fé no *dharma*.

Os templos têm como objetivo a instrução dos homens na arte da remoção do véu do apego que envolve seus corações. Essa é a razão por que Thyagaraja clamou no templo em Tirupathi – “Remova o véu de dentro de mim, o véu do orgulho e do ódio”. A névoa da ilusão (*maya*) se desvaneceu diante dos raios da graça e então ele pôde discernir e descrever a imagem do Encanto Divino na canção “*Sivudano Madhavudano*” e beber abundantemente da doçura desta Forma. A agitação de seu coração pela Fórmula Divina produziu a centelha de sabedoria (*jñana*) que cresceu transformando-se na Chama da Realização.



Não apenas nesta Era de Kali, mas mesmo nas eras (*yugas*) anteriores, a Krita, a Treta e a Dvapara, a repetição persistente do nome de Deus (*namasmarana*) tem sido o segredo da libertação do cativo. O templo é o local onde a repetição do nome de Deus é natural, automática e sem interrupção, sendo portanto imperativo ir a ele, especialmente na era de Kali, quando o ar está cheio de pensamentos maus e perniciosos.

Essa é a razão por que Krishna declarou na Gita que “entre os sacrifícios (*yajnas*), Eu sou a repetição do nome de Deus (*namayajna*), a oferta solene que inclui o animal sacrificial oferecido no fogo sagrado, a própria ignorância animal (*ajñāna*)”. Para curarmos nossos reveses e conquistarmos contentamento, são essenciais os templos onde o Nome de Deus possa ser lembrado. Esta é a série: “Para a Bem-Aventura, a lembrança do Nome do Senhor (Smarana); para Smarana, os templos. Não existe nada mais frutesciente, mais bem-aventurado e mais encantador que isso. “Tendo o muito simples nome, a língua sempre disponível e o Templo onde a Sua Imagem Fascinante é instalada de modo que você possa cantar a Sua Glória com voz entusiasmada... Por que deveria o homem apressar-se na direção dos portões do inferno?” questionou Vyasa. Essa observação nasceu de sua própria experiência com a eficácia do Nome e sua recordação. Do mesmo modo, manifestou-se Tulsidas, que viveu permanentemente no templo e cantou a alegria que experimentou: “Que lamentável! Quando os homens desistem do nome e do Templo e procuram a paz e a alegria em outros lugares, relembro-me da tolice daqueles que abandonam a rica e saborosa comida em seus pratos e imploram, com as mãos estendidas, pelas sobras dos pratos dos outros”, deplorou ele.

Mesmo na Disciplina Védica, o Nome, bem como a necessidade de se fazer a mente permanecer nele, é enfatizado como da maior importância: “*Om*, essa Palavra Única é Brahman” (*Om ithyepaksharam Brahman*), declaram os sábios arianos. Examine, se quiser, se algum santo se salvou sem o Nome ou a Casa do Senhor! Para Gouranga, o templo ou Mandir Jagannatha era a inspiração e o refúgio. Para Jayadeva, era o Templo Radhakrishna. Para Nandanar, era o templo em Chidambaram que lhe forneceu a fonte de Realização. Vallabhacharya, Kabir, Nanak, Mira, Ramanuja, Madhvacharya, Sankaracharya, Namdev, Tulsidas, Thyagaraja, todos eles obtiveram a Divina Visão e, o que é mais significativo, a própria Divina Sabedoria, nos templos e através deles. Que necessidade há para se estender mais? Mesmo em tempos recentes, não foi do templo de Kali construído por Rani Rasmani que Ramakrishna Paramahansa experimentou a Divina Bem-Aventura e descobriu sua identidade?

Aqueles que procuram acham os templos indispensáveis

Usar erradamente tais templos, prejudicar a sagrada atmosfera de seus recintos, esquecer a sua missão sagrada, aviltar as convenções e costumes lá prevalentes e preparar o caminho para o seu declínio e profanação – isso não é, sem sombra de dúvida, *dharma*. Aqueles que realizam tais coisas não têm nem luz interior ou exterior; eles estão na mais completa escuridão. A adoração no templo, a companhia dos sábios, o recitar do Nome, a adoração da imagem ou símbolo, esses são fontes externas de Luz. Meditação, penitência, reflexão (*dhyana*, *tapas*, *manana*) – essas são as fontes da iluminação interior. Como podem os homens, destituídos dessas fontes de iluminação, experimentar a visão da Glória Divina?

É natural ter Tulsidas Gosvami certa vez declarado: “Você precisa de luz tanto dentro quanto fora de casa? Coloque então a lâmpada no degrau de sua entrada! Do mesmo modo, você deseja espalhar a iluminação da Paz (*shanti*) tanto fora quanto dentro de você? Coloque então o Nome do Senhor em sua língua, que é a porta de entrada de sua personalidade! A lâmpada na língua não irá tremer, esmaecer ou se apagar por nenhuma tempestade. Ela lhe conferirá Paz, bem como a todos que com você se encontrar, até o mundo inteiro.”

Por esse motivo, para a salvação do indivíduo, evoque a Visão da Forma. A própria lembrança do Nome evocará a Visão da Forma. Essa Forma, em todo o seu encantamento e glória, é representada nos templos para a inspiração do aspirante e, dessa forma, independentemente de o olho comum vê-la ou não, os buscadores da verdade *Átmica* acham indispensáveis os templos.



A pessoa dhármica

O *Dharma* não possui preconceito ou parcialidade; é imbuído da verdade e da justiça. Dessa forma, o homem deve a ele aderir, enxergar que nunca deve contrariá-lo e que é errado dele se desviar. O caminho do *dharm*a requer que o homem desista do ódio para com os outros e cultive a concordância e a amizade mútuas. Através destas, o mundo irá se transformar, dia após dia, num lugar de felicidade. Estando elas bem estabelecidas, o mundo estará livre da ansiedade, indisciplina, desordem e injustiça.

Independente do que se esteja lidando, você deve primeiro compreender o seu real significado e, então, cultivá-lo diariamente para o seu benefício. Dessa maneira, a sabedoria cresce e a alegria duradoura é obtida. As duas coisas fundamentais são o *dharm*a e a ação (*karma*). O sábio sem preconceitos, imparcial e firmado no *dharm*a, anda pelo caminho da Verdade (*sathya*), como instruído nos Vedas. Essa é a senda hoje em dia para todos os homens.

O estágio para o conhecimento do dharm

O conhecimento do *dharm*a é alcançado em três estágios:

1. Você deve receber treinamento de indivíduos sábios (*vidvans*), que estejam também imbuídos do *dharm*a.
2. Você deve aspirar atingir a autopurificação (*Atma-suddhi*) e a Verdade (*sathya*).
3. Você deve perceber o valor do conhecimento dos Vedas (*Veda vidya*) e a Voz de Deus (*Parameshvara*).

Completando os três estágios, o homem entende a Verdade e como essa Verdade deve ser separada da inverdade. Essa investigação da Verdade deve ser feita na amizade e na cooperação. Todos devem estar igualmente ansiosos por sua descoberta para o benefício de todos. A opinião de qualquer um deve ser testada com o que é padronizado no *dharm*a, o Bem Universal (*Sarva Loka Hitha*). Os princípios que passam nesse teste devem ser especialmente mantidos à parte e usados e espalhados pelo mundo para o avanço do bem-estar do homem. Dessa maneira, todos irão desenvolver contentamento e felicidade na mesma medida.

As Escrituras dizem – “Todos são iguais (*samithih samani*)”. Todos têm o mesmo direito à sabedoria espiritual (*jñana*) e pelos meios de obtê-la, como a educação. Dessa maneira, todos devem realizar ações nobres e puras.

Mantendo a mente e a consciência no caminho

A renúncia às ações perversas e ao desejo – esses dois são levados a cabo pelo mesmo instrumento denominado *manas* ou Mente. Os Objetivos da Vida Humana (*Purusharthas*) devem ser obtidos somente através disso. Como resultado do treinamento persistente, a mente aprenderá a obedecer seus interesses. A memória (*chittham*), por outro lado, apresenta a experiência atual e passada e o convida a ver as coisas em perspectiva e julgá-las diante dos acontecimentos. A Equanimidade deve ser atingida através desse processo que se desenvolve na mente, isto é, a mente torna-se una ou invariável.

Lembre-se também que ambas, a mente e a consciência, devem ser mantidos ininterruptamente no caminho do Bem-Estar de toda a humanidade (*Sarva-Manava-Sukha*). O *dharm*a abrilhantar

á e iluminará somente a pessoa que serve e confere alegria a todos. Ela receberá não somente a Graça do Senhor mas também o privilégio único de com Ele se unir. Quando você dá algo a alguém ou dele toma algo, verifique se não está transgredindo os limites do *dharm*a. Não vá contra os seus mandamentos; siga-o em todos os momentos, acreditando que essa é a sua obrigação. Preencha cada parte de sua energia com a essência do *dharm*a e empenhe-se em progredir nessa senda, mais e mais, a cada dia que passa.

A pessoa *dhármica* revelará decisão e exultação entusiástica em todas as suas ações. Sua aderência ao *dharm*a deve ser dessa magnitude. Uma atitude de temor pelo Senhor estar vendo qualquer coisa em qualquer lugar, uma sempre presente apreensão de poder-se deslizar em direção ao pecado, a natural inclinação à verdade, a tendência à conduta correta – a mente é dotada de tais virtudes. A sua tarefa é dirigi-la e utilizá-la para o bem-estar de toda a humanidade. A dependência ao *dharm*a assegurará a alegria e a aumentará, podendo remover o despeito que se pode desenvolver com relação aos outros. Ela não permitirá que você se encha de orgulho enquanto outro sofra ou esteja triste. Pode tal infortúnio trazer alegria a você? Você só pode estar feliz quando todos o estiverem – lembre-se! Ame sempre e siga somente a verdade, a falsidade jamais trará benefícios.



Os homens respeitam e desgraçam, mas você jamais encontrará alguém que honre falsidade, fraude e injustiça; todos manterão respeito pela verdade, retidão e justiça. O *dharma* como prescrito nos Vedas é testado e capaz de ser testado; é justo e imparcial. A fé nele cresce com a prática. A adoração das Divindades deve seguir as regras prescritas nos Vedas. Através delas, as pessoas se fortalecerão na prática *dhármica*. Esse *dharma* é o comando do Senhor, sendo a autêntica voz de Deus e por isso pode ser bem seguido por todos. Quem então é uma pessoa divina (*devatha*)? É apenas um nome para uma pessoa que observa a verdade como o seu juramento (*vratha*) na vida diária.

Considere quanto talento o Senhor deu ao homem. Com esse dom natural, procure as quatro motivações humanas (*Purusharthas*) e avance na senda do Senhor, aderindo estritamente às demandas da Verdade. Esse é o uso para o qual o talento deverá se voltar; esse é o objetivo da dádiva divina. Somente aqueles dotados de visão podem ver as coisas: o cego não tem essa sorte. Assim também, somente aqueles brindados com a Verdade, ansiosos pelas quatro motivações humanas e pela aderência ao *dharma*, podem ver o Senhor; todos os outros são cegos. O Senhor também deu ao homem os instrumentos para o desenvolvimento de seu intelecto e discernimento. Caso ele os use bem e tente a auto-realização, o Senhor a ele acrescentará talento fresco e novas fontes de poder, visto que Ele é cheio de Graça dirigida ao que se esforça. Quando o homem procura seguir o *dharma*, A Verdade se revelará para ele.

A disciplina da verdade (*sathya*)

Caso você seja descuidado com relação à disciplina da Verdade (*sathya*), qualquer obrigação posta a você pelo *dharma* e qualquer ação por ele instigado se tornarão cargas muito pesadas. Busque pela realidade existente atrás de todos esses fenômenos, o que tornará todas as ações dhármicas leves e agradáveis. O Senhor moldou o homem de forma a que ele seja direcionado para Deus e esteja encantado com sua visão e feliz quando for moral e virtuoso. Dessa forma, o homem serve a seus maiores interesses aderindo à sua natureza fundamental, pela concentração em Brahman, pelo cultivo da Verdade (*sathya*) e pela prática do *dharma*.

A Verdade deve ser vislumbrada e testada por todas as leis do raciocínio. A disciplina consiste de:

- O heroísmo de observar o *dharma* rigorosamente (*ojas*);
- Autocontrole desprovido de medo (*tejas*);
- Descarte de todos os sentimentos de alegria ou tristeza por causa dos altos e baixos da vida.
- A inabalável fé na verdade e no *dharma* (*sahana*);
- As saúdes mental e física da melhor espécie recebidas pela disciplina e castidade (*bala*);
- O desejo e a habilidade de falar sincera e docemente, conseguida pela prática da Verdade e do Amor;
- A remoção dos cinco órgãos da percepção (*jñanendriyas*: olho, ouvido, nariz, língua e pele) e dos cinco órgãos da ação (*karmendriyas*: garganta, mãos, pés, ânus e órgãos sexuais) do vício e do pecado e a sublimação de todos os sentidos pelo serviço à Verdade (*indriya-moha*);
- O recebimento do domínio de todos os mundos pelo conquista do autodomínio do mundo interior;
- A destruição de seus preconceitos e a busca da Verdade a qualquer tempo (*dharma*).

Deve-se orar da seguinte forma: “Que tudo isso possa ser a mim conferido” como encontrado no hino “Chamaka”.

Dharma traz o bem a todos; confere a bem-aventurança (*ananda*) aqui e no outro mundo. É essencial que toda a humanidade veja hoje a glória desse *dharma* Universal.

As características das castas

O brâmane ou sacerdote é conhecido por seus traços significantes: sabedoria (*vidya*), virtude, ação da espécie mais enaltecida e benéfica, e a difusão da Virtude pelo exemplo. Aquele que os promove, os cultiva e os desenvolve é um *brahmin*, independentemente de quem ele é. Essa é a qualificação para a autoridade ser exercida pelo *brahmin*. Somente o homem altamente instruído e que se possui uma conduta compatível com essa instrução pode merecer essa condição. O recebimento dessas qualificações é o esforço a ser feito por aqueles ansiosos por justificarem tal posição.

Agora, a marca dos militares, administradores públicos e defensores da lei (*Kshatriyas*): a sua eficiência em todos os empreendimentos, heroísmo e coragem, o risco e a ansiedade em punir os perversos e proteger os virtuosos. Aqueles dotados com tais qualidades estão habilitados à condição de



Kshatriyas, devendo aceitar todas as tarefas com essa atitude e estabelecer no lar regras dignas para todos, o que é auspicioso.

Em seguida, os homens de negócios como comerciantes, industriais e fazendeiros (Vaisyas): eles devem tentar tornar as correntes do fluxo comercial suaves e rápidas, forjando uma rede de comunicações que una as nações numa única grande comunidade e fazendo a riqueza multiplicar no mundo; essa é a sua tarefa. Eles devem assegurar que a concórdia entre os povos não seja quebrada ou diminuída, bem como devem aspirar pelo “renome (*yashas*) das grandes ações e resultados enobrecedores”, e pelo “o esplendor (*varchaska*) de ter-se ajudado a estender a educação e a saúde pela criação de escolas, hospitais etc. Eles devem dedicar a sua riqueza à promoção de todas as causas meritórias. Dessa maneira, a virtude e a retidão são promovidas.

Para os trabalhadores braçais (*sudras*), têm-se as seguintes características ideais: devem produzir ou colher coisas de valor, sem se desviarem do caminho do *dharma*. Sempre decididos a perceber a finalidade da existência humana e a empenhar-se por ela, eles devem inteligentemente armazenar e proteger as coisas produzidas e tentar produzir mais e mais para o benefício comum. As coisas dessa forma coletadas devem ser liberalmente utilizadas para a difusão da sabedoria genuína (*vidya*) e para o sustento e o suporte dos virtuosos.

Desse modo, pelo esforço cooperativo desses quatro tipos de empenho humano, a riqueza irá crescer em formas múltiplas e o homem se tornará feliz. As quatro castas ou *varnas* devem perceber que a ordem social foi planejada com o objetivo último de manter o *dharma* do mundo (*lokadharmā*). Caso cada casta se atenha às suas obrigações, o bem-estar do mundo será, sem sombra de dúvida, assegurado; além disso, cada qual estará apta a obter o que é mesmo mais importante – a bem-aventurança do *Atma*. Por outro lado, se todos tiverem a impressão da existência de uma única casta, com um único código de obrigações e conjunto de regras para todos, a riqueza e a segurança do mundo estarão em perigo.

Caso todos entrem no campo do comércio, quem irá comprar e consumir os bens oferecidos? Caso todos comecem a dar aulas, onde estarão aqueles que irão aprender e praticar? Caso todos produzirem e plantarem, quem irá procurar os produtos de sua labuta? O Senhor estabeleceu o modo de vida de acordo com o dever da casta (*varnadharma*) com a finalidade de criar a diversidade que irá contribuir para a unidade, através da prática da verdade e do *dharma* em todos os indivíduos e ações sociais.

Acredita-se que a ocupação (*Vritti*) seguiu a casta (*Varna*) e que a ocupação era baseada na casta, o que não é verdade já que as castas eram nomeadas somente com base nas ocupações. Hoje, não existe nem casta nem ocupação – uma profissão hoje e outra amanhã, uma casta ou classe hoje, e outra amanhã; é nessa instabilidade que se situam as raízes da atmosfera agitada do mundo e do descontentamento que se espalhou.

Introduza em todas as profissões e ocupações a Moralidade Interior, a ligação constante com a Verdade, a equanimidade imperturbável da força moral, e então siga os deveres da casta (*varna*) com suas profissões prescritas – essa é a Suprema Benção. Caso você falhe em realizar isso, o destino dos homens será a miséria e a pobreza crônica. A escolha é entre o primeiro, Sri Rama, o salvador, e o segundo, a punição mundana (*lokasiksha*). O seu Salvador dessa punição é aprender o *dharma* (*Dharma-sikshana*).

